

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ILDEFONSO PEREIRA DE SOUZA

A ÉTICA SOB A ÓTICA DA POÉTICA CANDANGA

São Leopoldo

2012

ILDEFONSO PEREIRA DE SOUZA

A ÉTICA SOB A ÓTICA DA POÉTICA CANDANGA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Valério Guilherme Schaper

Segundo Avaliador: Roberto Ervino Zwestch

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729e Souza, Ildfonso Pereira de
A ética sob a ótica da poética candanga / Ildfonso
Pereira de Souza ; orientador Valério Guilherme
Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
74 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Religião e literatura. 2. Poesia brasileira –
Brasília (DF). 3. Ética na literatura. I. Schaper, Valério
Guilherme. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ILDEFONSO PEREIRA DE SOUZA

A ÉTICA SOB A ÓTICA DA POÉTICA CANDANGA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Valério Guilherme Schaper – Doutor em teologia – EST

Segundo avaliador: Roberto Ervino Zwestch– Doutor em teologia – EST

AGRADECIMENTOS

A meus familiares, meu porto mais seguro.

Aos meus amigos(as), equilíbrio e descontração.

Aos meus colegas de mestrado, novos familiares.

Aos professores, pela sabedoria e disponibilidade.

A todos os funcionários da EST, pela presteza, especialmente, dona. Irma, pela compreensão.

Ao Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, pela bondade, como pessoa, como professor e como orientador.

A Olanna Valentina, da geração “trimilenista”.

Ó Mestre Jesus,

És luz que manobra mentes rumo à compreensão do mundo. Gratidão plena por excluir-me de sofrimentos maiores. Torna-me forte e abrande meu coração!

Amém.

RESUMO

O presente trabalho investiga se a temática relacionada a princípios e valores éticos e morais aparece como assunto recorrente na produção dos poetas candangos (nascidos em Brasília ou a ela afeiçoados), na medida em que suas composições mostrem “graça”, “beleza” e “verdade” – elementos, *a priori*, indissociáveis da poética. A pesquisa se propõe a assinalar se os autores e seus poemas atuam no sentido de gerar um universo de reflexão que se mostre capaz de moldar consciências. De forma a que as pessoas se tornem sensíveis a compreender que o mais elevado dos princípios éticos é aquele que defende “Vida em plenitude para todos” (Jo 10.10), conforme quer o próprio Jesus. E também como sonhara Dom Bosco, ao metaforizar que Brasília seria uma terra onde correria “leite e mel”. A essa competência dos autores analisados, é dado o nome de “poética ético-moral”, para efeito de conclusão do trabalho.

Palavras-chave: ética, poética, teologia.

ABSTRACT

The present study investigates whether the thematic related to principles and ethical-moral values appears as a recurrent theme in the production of the *candangos* poets (born in Brasilia or fond of it), whereas their compositions show "grace," "beauty" and "truth" - elements, *a priori*, inseparable from the poetic. The research aims to point out, whether the authors and their poems act in the sense of generate a universe of reflection which proves itself capable of shaping consciences; in a way that people become sensitive to realize that the highest of the ethical principles is the one that stands up for "life in all its fullness for all" (John 10: 10), according to what Jesus himself wants. And also as Don Bosco dreamed, when he metaphorized that Brasília would be a land where "milk and honey" would flow. To this competence of the authors analyzed, is given the name of "ethical-moral poetic", for effect of conclusion of this work.

Keywords: ethics, poetic, theology.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 BRASÍLIA: A BERLINDA NO CENTRO DA CIRANDA | 15 |
| 1.1 Sob o signo da religiosidade | 15 |
| 1.2 A metáfora dos sonhos..... | 16 |
| 1.3 A formação da candangolândia..... | 19 |
| 1.4 A Nova Canaã e seus <i>neocananeus</i> | 21 |
| 2 ÉTICA: PREVALÊNCIA DO "SER" SOBRE O "TER"..... | 29 |
| 2.1 Na prática o sonho é outro | 29 |
| 2.2 "Quero ver quem paga para a gente ficar assim"..... | 31 |
| 2.3 Leite e Mel ou chá sem zero cal?..... | 35 |
| 3 POÉTICA: O DISCURSO E A DISCUSSÃO | 41 |
| 3.1 Focando o discurso poético..... | 41 |
| 3.1.1 <i>Gostar versus Entender</i> | 44 |
| 3.1.2 <i>Densidade & Universalidade</i> | 48 |
| 3.2 Brasília: sob o signo da <i>poiesis</i> ? | 49 |
| 3.3 A construção de um (novo) sistema literário | 53 |
| 3.3.1 <i>Antropofagias da lírica candanga</i> | 56 |
| 3.3.2 <i>"A cada um segundo as suas obras"</i> | 59 |
| CONCLUSÃO..... | 67 |
| REFERÊNCIAS..... | 71 |

INTRODUÇÃO

Quando nos decidimos por este estudo com temática a respeito da ética, as quaresmeiras cobriam de lilás as avenidas de Brasília, tal qual faziam sazonais jacarandás com os campestres da fazenda Sambaíba, no interior do Maranhão, durante todos os julgos-agostos de uma saudosa infância. Ao chegar à Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), em 2010, qual surpresa! Ali também, os mesmos lilases distribuíam-se entre outros incontáveis matizes que só a natureza é capaz de produzir, com tonalidades tão exclusivas, em bosques que exuberavam por todo o campus. Se “a primeira impressão é a que fica”, como diz um velho ditado, de pronto, impressionavam-nos aqueles portais de coincidências que se abriam para nosso intento: garimpar valores éticos em discursos que, *a priori*, também primam pela capacidade de encantar, a linguagem lírica.

No entanto, uma pergunta continuava fatigando, silenciosamente, nosso íntimo. Haveria possibilidades de se trabalhar a seara da poética na ambiência EST? Não foi difícil perceber que seria perfeitamente viável enveredar por essa área de pesquisa. A senha nos foi dada já na primeira semana presencial, quando, durante aulas da disciplina Antropologia e Religião, o professor Roberto Zwetsch deu a alguns poemas uso pedagógico. Em determinado momento, algo sublime nos foi apresentado: o texto “Ser Humano Primeiro”, resgatado da cultura religiosa do povo Apapokuva-Guarany, que vivera no Paraguai, na divisa com o Brasil, proximidades com as cataratas do Iguaçu, no Estado do Paraná. Trata-se de poema explicativo de quando Deus (Ñanderuvusu) revelou ao primeiro homem (Ñanderu-Arandu) o conhecimento sobre a Criação.

A primeira manhã surgiu voando sobre o mundo, tal garça a ferir com suas asas a pedra. Partiu da noite mais antiga e pousou nos ombros do Pai Maior. Ñanderuvusu passou a mão sobre a plumagem branda da claridade e, cobrindo o rosto com a espuma nascente do amanhecer, chamou ao seu lado [...] O homem primeiro, o Patriarca. [...] Em ti começa o tempo [...] tu és o princípio; também tu és o fim. O homem último terá teu mesmo rosto, tua mesma longevidade, tua mesma boca cheia de perguntas... A voz de Ñanderuvusu abastou o mundo de grandes suspiros. Nanderu-Arandu [...] sentiu sob seus dedos deslizar-se as vértebras sutis da idade. Como uma dócil fera que lhe lambesse os pés, roendo-os, suavemente, qual neblina comendo as pedras. Subiu ao galho mais elevado, da árvore mais alta e buscou a face de Ñanderuvusu. [...] Resplandecente! Só pode ver o imenso

sol do seu peito [...] Assim como Ñanderuvusu só na obscuridade aparece; Ñanderu-Arandu só de dia mostra sua presença. Ñanderuvusu, com um assobio, chamou os peixes, os animais, os pássaros. E todos evoluíam, nadando, trotando, voando, à busca de suas distintas formas, cores e particularidades; de seus próprios gritos, abrigos e comportamentos. E na periferia do mundo, vestido em vapores azuis, o Grande Jaguar primitivo, em pele de céu e fogo, sonolento, via-os passar. Ñanderu-Arandu, sem poder evitar, derramou a primeira pergunta nas mãos do Pai Brillhante: Como és Tu, Ñanderuvusu? Como é Teu rosto? Ñanderuvusu silenciou. Então, águas, florestas, montanhas e nuvens começaram a exhibir-se, das profundezas às alturas. Eis que Ñanderu-Arandu deparou-se com a imensidão e pôs-se a tremer [...]. E reverenciou Ñanderuvusu, ao ver a própria face unida face da lua, em águas mansas, no primeiro anoitecer.¹

O poema indígena parece confirmar algo fantástico: todas as culturas têm poesia, mesmo aquelas mais primitivas, o que nos remete à fala de Affonso Romano de Sant’anna. Durante palestra, o poeta mineiro dizia: “Há coisas que só podem ser ditas pela poesia. Por isso ela é um código secreto, o segredo mais universal que existe”.² Sant’anna ressalta que “a linguagem metafórica é uma maneira muito mais contundente de dizer as coisas do que a linguagem descritiva, em linha reta, da prosa”.³ Assim, apegamo-nos à poética dos Apapokuva-Guarany, como se conferíssemos sua tessitura e artesanaria, a cada manhã, para referenciar nosso objeto de investigação: a produção literária de poetas radicados no Distrito Federal (Brasília) – nascidos na Capital ou a ela afeiçoados, ainda que originários de outro Estado, outro país, ou de outra região.

Anos atrás, Patativa do Assaré, em depoimento à mídia, dizia que poesia tem que ter graça, beleza e verdade. Depreende-se que, na especificidade da linguagem, na estrutura discursiva, na denotação da mensagem, o poema “Ser Humano Primeiro” encerra as características reivindicadas pelo poeta cearense. Destarte, não nos sobrem dúvidas: só se manifesta com graça e beleza uma verdade lastreada em princípios de fraternidade, humanidade, justiça social, solidariedade e sustentabilidade ambiental. Esses pilares nos trazem um pré-conceito da dimensão ética que estamos à busca. Munidos de expectativas, esperamos encontrar versos que falem às mentes e aos corações. Que o périplo investigativo desnude inspirações

¹ CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Asunción: Fundación León Cadogan-CEADUC-CEPAG, 1997[1959]. p. 25ss.

² SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Formas de ler o Mundo*. Brasília, I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, 14 abr. 2012. Anotações feitas durante palestra proferida por Affonso R. Sant’anna no espaço Bienal – café literário.

³ SANT’ANNA, 2012.

afinadas com o mais elevado princípio ético: “Vida em plenitude para todos” (Jo 10.10)⁴, conforme queria o próprio Jesus.

De oportuna utilidade é a fala de Jung Mo Sung. Durante o III Seminário do Mestrado Profissional, da Faculdades EST, dizia o teólogo coreano, radicado em São Paulo, com matemática convicção, que “o princípio ético fundamental é estar sempre do lado das vítimas”.⁵ As aspas transmudam-nos para cenários banalizados pelo cotidiano. Imaginemos gazelas esquartejadas na gramínea da savana, imoladas em nome do apetite da cadeia alimentar. Imaginemos pessoas esparramadas nas calçadas, com as quais cruzamos quando a caminho do laser, do trabalho, na volta pra casa. Na savana, as forças se regulam pela lei da selva; mas, no reino humano, a lei há de ser forjada nestas rimas: obrigação, compaixão, amiga mão, do Estado, da sociedade, do vizinho, respectivo e simultaneamente.

Para findar o sequencial de registros da oralidade, vamos aos escritos de outro teólogo, o catarinense Leonardo Boff, que nos fornece ingredientes básicos na composição de um *ethos* mundial, imprescindível à existência e à própria vida no Planeta. Sem esse *ethos*, construções milenares poderão ruir, conforme premonições, estudos e acontecimentos sistematicamente difundidos. Consequência do denominado “efeito estufa”, matriz de um verdadeiro apocalipse, cada vez mais visível, inclusive aos céticos, incautos e incrédulos. Ao discorrer sobre o tema “fé, fanatismo e conflitos políticos no mundo atual”, dizia Boff:

Estamos em uma civilização em crise, crise que passa por problemas éticos, culturais e religiosos. Nós construímos um princípio de destruição de Gaia; a Terra perdeu sustentabilidade; para a Terra repor aquilo que os homens lhe retiram em um ano, ela precisa de um ano e meio, pelo menos. Temos que caminhar de braços dados com a natureza; todos sentados na grande mesa da comensalidade, como irmãos e irmãs, compartilhando os frutos que nos são dados pela grande mãe Terra. Precisamos reconstruir uma civilização com ética voltada para a vida. Estamos cansados do consumismo desenfreado; a crise mundial é um processo de limpeza, onde cai tudo aquilo que não é necessário; fica somente aquele núcleo que é verdadeiramente útil à vida. A religião é uma forma de resistência a essa crise, é uma instância

⁴ BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida (Trad.). 14^a. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2010. – As citações bíblicas deste trabalho estão indicadas pelas seguintes siglas: Cantares (Ct); Coríntios (Co); Filipenses (Fp); Gênesis (Gn); João (Jo); Mateus (Mt); Salmos (Sl).

⁵ MO SUNG, Jung. *Novos Conceitos de Mundo: uma visão ética, pastoral e social*. São Leopoldo, Faculdades EST, 20 e 21 jan. 2012. Conforme anotações feitas durante palestra proferida por Jung Mo Sung no III Simpósio do Mestrado Profissional, sob o tema *Novos Conceitos de Mundo: uma visão ética, pastoral e social*, promovido pela Faculdades EST.

geradora de esperança e de novas utopias.⁶

Dos grifos até aqui destacados, fica entendido que a “graça” requerida por Patativa do Assaré está no sentido de algo espirituoso e que goza de simpatias. Tal como seria uma aquarela que retratasse Lúcifer, na qual o pintor fora tão competente, a ponto de insinuar traços deleitantes, uma boniteza temível, no “maldito”.⁷ Em outro à parte, “beleza” é algo encantador, na linha assinalada por Kant: “o belo concilia-se com o sublime pelo fato de ambos agradarem por si mesmos; além disso, os dois não pressupõem um juízo dos sentidos nem um juízo determinante de intelecto, mas um juízo de reflexão”.⁸

Quanto à verdade, ela é algo muito complexo e até paradoxal. A verdade humana é sempre subjetiva, relativa e instável, dependente do fator tempo. O que é verdade hoje, amanhã poderá não o ser, e vice-versa; sem, no entanto, sofrer nenhum prejuízo quanto a sua integridade, mantendo coerência do princípio ao fim. Teologicamente, só a verdade divina pode ser dita absoluta, porém, às vezes, é inassimilável pelo ser humano – “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo 8.32). No âmbito deste estudo, a verdade só nos valerá se comungar significância com os princípios de liberdade, justiça e humanidade, já assinalados.

À luz das colocações e seguindo linha kantiana, entendemos que um comportamento ético, para ser universal, há de se prender a normas que ultrapassem a concretude do caso particular, a simples utilidade do fato, o interesse pessoal. Assim embasados, formatamos um abreviado quadro conceitual⁹ que nos permite transitar pelo repertório dos poetas, fazendo a autópsia interpretativa de acervos respectivos. Procuramos desinstalar moderações metafóricas, de forma a que os discursos melhor se revelem aos nossos olhos, ouvidos e bocas, sem que nada seja negado à compreensão.

⁶ BOFF, Leonardo. *Fé, fanatismo e conflitos políticos no mundo atual*. Brasília, I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, 18 abr. 2012. Anotações feitas durante palestra proferida por Leonardo Boff, na I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, realizada no dia 18 de abril de 2012, no espaço Bienal – Auditório Nelson Rodrigues. Palestra proferida no seminário “Krisis – Religião”, que contou ainda com a participação do escritor Tariq Ali, do Paquistão, e mediação de Hamilton Pereira (Secretário de Cultura do Distrito Federal).

⁷ ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que Eu Canto cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. p.12.

⁸ KANT (1993) apud NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia, das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005. p. 335.

⁹ Vide “Quadro 3: Parâmetros para uma análise discursivo-ética”. p. 39.

Consideremos, por fim, que ainda vige a afirmativa feita por Platão de que “não é ofício de poeta narrar o que realmente acontece; mas, sim, o de representar o que poderia acontecer; o que é possível, verossímil e necessário”.¹⁰ Enquanto que ética “tradicionalmente é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas”.¹¹ Portanto, alcança sentido muitas vezes mais amplo que o delimitado no quadro já referenciado, em nota de rodapé.

Em relação a Brasília, levemos em conta que se trata de uma obra ainda em construção, ao pé da letra, por razões expostas em capítulo próprio. Inconclusa até quando? Quem sabe esta pesquisa não venha ser um grânulo a mais nas alvenarias que se ajustam a sua relâmpaga história? Com esse intuito, os três capítulos deste trabalho se entrelaçam e, ao mesmo tempo, subdividem-se em itens cuja organização nos parece a mais adequada à proposta investigativa. A lógica é a seguinte:

O primeiro capítulo trata da construção de Brasília, saga que envolveu anseios de mudanças por parte de todos os brasileiros e todas as brasileiras; fala dos mitos da construção, carregados de fortes crenças quanto a transformações políticas e sociais no país; questiona se aqueles anseios coletivos foram correspondidos ou se apenas se transformaram em estivas de ações frustrantes;

O segundo capítulo discute a respeito de acertos e desacertos na “obra monumental” antevista pelos idealizadores da nova Capital Federal; faz referências quanto a comportamentos que deveriam gerir atos modelares para a Nação, mas que se têm revelado contrários aos ideais; aborda sobre acontecimentos veiculados pela mídia, com intermitência, de fatos cuja adjetivação mais apropriada que lhes cabe outra não é senão esta: antiéticos, para não dizer aéticos.

Já o terceiro capítulo busca no ofício dos poetas o contributo da lírica, no que se refere ao resgate e à formação de consciências; procura demonstrar em que medida, no âmbito das *belles lettres*, há pelepas motivadoras de – ou motivadas por – valores, princípios éticos, comprometimento com a vida, a partir de fronteiras sócio-políticas traçadas pela construção da nova Capital Federal; apresenta resumido

¹⁰ PLATÃO apud MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 81

¹¹ VALLS, Álvaro L. M. *O Que é Ética*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 7.

histórico sobre a literatura local, focalizando as “inspirações” calcadas em humanismo, sobretudo.

É por essa rota que se pauta este estudo. Sem nenhuma pretensão de ser novidadeiro, mas com toda possível atenção voltada para o veio criativo dos poetas. Precipuamente naquilo que consideramos mais fundamental, o comprometimento desses, ou daqueles, atores, com a reflexão, os valores morais, os princípios éticos. Assim, já estamos a caminho do nosso campo de batalha, Brasília. A rigor, o Distrito Federal, já que as duas geografias, na prática, se sobrepõem. Mãos à obra!

1 BRASÍLIA: A BERLINDA NO CENTRO DA CIRANDA

1.1 Sob o signo da religiosidade

Na opinião dos construtores de Brasília, a mudança da Capital do Brasil do Rio de Janeiro para o interior do País, no planalto central, seria uma obra infinitamente revolucionária, assim como teria que ser revolucionário tudo que estivesse relacionado à nova *pólis*, em conformidade com os tempos modernos. Uma cidade não teria espírito, nem vida, se nela não houvesse elementos indispensáveis ao bem-estar, à felicidade e ao desenvolvimento humano. Era a opinião dominante. À parte, em alusão ao bioma circundante de sua paisagem, é possível dizer que a cidade tornou-se uma espécie de licor de frutas do cerrado. Pode receber apreciações diversificadas. Há quem não consiga “engolir” o licor e quem por ele se embriague de simpatias.

Tempos atrás, flagramos uma turista dizendo “não gostei deste lugar, os prédios são todos iguais, parecem caixas de fósforo ou peças de dominó”. Em contrapartida, outra dava o troco: “A cidade é linda! Fotografei tudo – palácios e monumentos, alvorada e pôr do sol, além de pessoas com sotaque multibrasílico”. Em entrevista à televisão, o cantor-compositor Caetano Veloso dizia que um dos defeitos de Brasília é que nela tudo é, arquitetonicamente, medido a régua e compasso. Infere-se que o artista estivesse a dizer que em outras arestas, essa métrica não é tanto quanto exata, especialmente, no que se refere à conduta de muitos dos que passam a morar na cidade, com a missão de manobrar os destinos da Nação.

Na voz dos não apreciadores do “licor”, há quem acuse Brasília de ser reduto de políticos. Mas, se a palavra for cedida ao reverso dos paladares, certamente, alguém dirá: aqueles que assim rotulam a Capital Federal omitem que ela pertence a todos os brasileiros (aos artistas, desportistas, cidadãos e cidadãs, ao povo). Ignoram que ela vai além da Esplanada dos Ministérios, da Praça dos Três Poderes, dos jardins de Roberto Burle Marx. Estende-se das feiras populares aos *shoppings* sofisticados, dos setores produtivos e postos de trabalho aos parques públicos e centros de lazer, como qualquer urbe convencional. Não tem esquinas nem praias – disso acusam-na também. É verdade, mas há generosos espaços dados a uma dócil solidão, instigante de reflexões que gritam à alma: despertar!

Atentos aos confrontos e dicotomias, despertávamos para a construção destas escrituras. Para tal finalidade, lançamos mão do nosso sistema de crenças, convicções, valores e atributos outros, incorporados ao longo das vivências. O apego a esse sistema é imprescindível para aferir o fio condutor de uma compreensão sobre a lírica dos poetas radicados na geografia do Distrito Federal. Propomo-nos ao quê? A conferir se essa “poética” sintoniza-se com a “ética” não só na perfeição da rima, mas também em sentido subliminar, transcendente. Tanta é a reverência pelas duas palavras, que elas quase nos entregam a um contexto de fé.

As duas primeiras capitais do Brasil – Salvador, inicialmente São Salvador, e Rio de Janeiro, fundada São Sebastião do Rio de Janeiro – apelavam aos valores humanos, em função da semiologia de religiosidade que incorporam ao respectivo nome. Com a terceira capital não foi diferente, não obstante o desígnio das coincidências. Brasília nasceu sob a mitologia das premonições de um santo, São João Bosco. A lenda sugere uma cidade feita para fóruns de nobres propósitos, comprometidos com ações imaculadas. Acreditamos serem esses os signos mais visíveis que deveriam rondar o planalto central do Brasil. Tomara que a dimensão utópica não se tenha transfigurado em irrealdade sonambúlica!

1.2 A metáfora dos sonhos

Brasília foi plantada no planalto central em regime de isolamento. Hoje ela se avizinha de um rosário de cidades-satélites que avança limites dos estados de Goiás e Minas Gerais. Impõe-se tal a uma reluzente berlinda no centro da ciranda. É urbe singular, configurada em arquitetura de vanguarda. Errado querer-se dar recortes na Capital Federal para melhor observá-la. Suas perspectivas refugam fragmentações. Para que se revele sua exuberância, tem-se que visualizar todo o conjunto erguido por incontáveis mãos. Lúcio Costa desenhou o projeto urbanístico do Plano Piloto; Oscar Niemayer arquitetou as principais edificações; Burle Marx ajardinou; os candangos¹²

¹² A palavra “candango” vem de *kangundu*, designação que os escravos africanos do Brasil davam a seus senhores portugueses. Depois foi usada no sertão do Nordeste para designar os mais pobres. A denominação foi dada também aos trabalhadores migrantes de várias regiões do Brasil para os canteiros de obra de construção da, então, futura Capital Federal. CORREIO BRAZILIENSE (ed.). *Brasília, 40 anos: uma história que continua sendo escrita*. Brasília: Editora Brasília, 2000. p. 51.

entraram com a mão-de-obra que fez pousar o gigante avião¹³ no meio do cerrado planaltino.

As estatísticas dão conta que a construção nem havia sido iniciada quando, em novembro de 1956 – pouco mais de um mês após a assinatura da Lei 2.874, que determinou a transferência da capital –, cerca de 300 pessoas, oriundas de Minas Gerais, Goiás e Bahia visitam o Sítio Castanho¹⁴, à procura de trabalho. De sorte que um ano depois eles já somavam algo em torno de 13 mil pessoas, chegando a cerca de 60 mil trabalhadores, em 1959. Motivados pelo novo eldorado, aqueles brasileiros eram conduzidos pela esperança de dias melhores, graças à oferta de emprego, abundante na construção civil e atividades a ela vinculadas.

Três citações traduzem a dimensão dos “sonhos” enfocados por esta pesquisa. Eles arrazoam as alcunhas de “Nova Canaã”, “Capital do Terceiro Milênio” e “Capital da Esperança”, atribuídas a Brasília, desde seus momentos mais iniciais. A primeira citação, já referida, dá conta que o padre italiano Dom Bosco, canonizado em 1934 pelo Vaticano, ouvira uma revelação, da boca de um anjo, ao ser arrebatado, durante mais uma das suas recorrentes visões proféticas. A segunda citação saiu de pronunciamento à Nação, feito pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, quando da inauguração da cidade, em 21 de abril de 1960. A terceira citação consta de frases grafadas por operários, em paredes da sede do Congresso Nacional, quando de sua construção. Estas só foram descobertas em 2011, durante reparo em porões até então inacessíveis. Vide as respectivas citações:

Entre o paralelo 15º e o paralelo 20º havia um leito muito extenso que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente: Quando se escavar as minas escondidas no meio desse monte, aparecerá aqui a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível (Dom Bosco).¹⁵

¹³ CORREIO BRAZILIENSE, 2000, p. 40s. O “Plano Piloto” de Brasília tem formato de avião. No entanto, há quem diga, misticamente, que os traços iniciais do projeto intentavam o sinal da cruz. Decerto, a cidade está dividida em Asa Norte e Asa Sul, intermediadas por um eixo central, parecendo uma aeronave.

¹⁴ Local escolhido para a construção do Plano Piloto de Brasília.

¹⁵ COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. São Paulo: Record, 2001. p. 20s. Versão original da profecia de Dom Bosco, em língua italiana: “*Tra il grado 15 e il 20 grado vi era un seno assai lungo e assai largo que partiva di un punto che formava un lago. Allora una voce disse ripetutamente, quando si verranno a scavare le miniere nascoste in mezzo a questi monti di quel seno apparirà quila terra promessa fluente latte e miele, sarà una ricchezza inconcepibile*”.

Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.¹⁶ (Juscelino Kubitschek).

“Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham a compaixão dos nossos filhos e que a lei se cumpra”; “*Dura lex, sed lex*”; “Se todos os brasileiros fossem dignos de honra e honestidade, teríamos um Brasil bem melhor. Só temos uma esperança nos brasileiros de amanhã. Brasil de hoje, Brasil de amanhã”; “Amor, palavra sublime que domina qualquer ser humano”.¹⁷ (frases de operários).

Consumada a transferência da Capital do Brasil – do litoral, Rio de Janeiro, para o planalto central em cuja área, pertencente ao Estado de Goiás, foi demarcado o polígono Distrito Federal –, surgia mais uma alcunha atribuída à nova cidade: “Capital da Esperança”. No mote popular, pregoava-se o total otimismo, dos brasileiros e das brasileiras, para com a centralização das decisões políticas em longitude mais equidistante dos extremos da Federação. Entretanto, se formos rever o velho dito popular “nem tudo são flores”, temos que concordar com algumas verdades insofismáveis.

Por exemplo: para quem nasce em campos distantes, lá no lugarzinho ermo, ou na cidadezinha isolada das agitações metropolitanas, a vida parece constar de capítulos a mais. É o que se deduz de leituras, conversas e audições, captadas de diferentes mídias, do depoimento de pessoas que migraram da terra natal para outras regiões, país a fora. Encontramos descrição de trajetórias que muitos protagonistas poderiam querer excluir do currículo. Ou não, se admitidos como contingências de coragem, até de heroísmo, perante aqueles deixados para trás.

¹⁶ CONAE 2010. *História de Brasília*. Fala de Juscelino Kubitschek no primeiro ato no local da futura capital do Brasil. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=330:historia-de-brasil&catid=99:informacoes-sobre-brasil>. Acesso em: 27 nov. 2012. O texto consta inscrito na parede externa do Museu da Cidade, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

¹⁷ LOURENÇO, Iolando. *Descobertas frases deixadas por trabalhadores que construíram o Congresso Nacional* (expressam o sentimento político dos operários e falam da solidão e da esperança no futuro, cuja inscrição literal é a seguinte: “Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham a compaixão dos nossos filhos e que a lei se cumpra”; “Duraleques CE de lequis” – “Dura lex, sed lex” é uma expressão em latim que significa em português “a lei é dura, mas é a lei” –; “Si todos brasileiros fossem dignos de honra e honestidade, teríamos um Brasil bem melhor. Só temos uma esperança nos brasileiros de amanhã. Brasil de hoje, Brasil de amanhã”; “Amor, palavra sublime que domina qualquer ser humano”) Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-08-11/descobertas-frases-deixadas-por-trabalhadores-que-construiram-congresso-nacional>. Acesso em: 18 fev. 2013.

1.3 A formação da candangolândia

Na segunda metade da década 1950, especialmente no nordeste brasileiro, os pais repetiam para os filhos que “formiga quando quer se perder cria asas”, metamorfoseia-se em tanajura e voa para o indefinido. Tentavam destituí-los da ideia de se aventurar nos garimpos da região amazônica, abundantes em ouro e diamante. Minar aquela empreitada significava preservá-los da febre sezão¹⁸ e de outros perigos das terras selvagens. Na mesma época, disseminavam-se notícias quanto a novas alternativas de trabalho. Uma delas era a construção de uma cidade no Estado de Goiás, para ser a nova capital do Brasil.¹⁹ Lá, havia emprego para “quem quisesse trabalhar”. Aqueles que tivessem estudo teriam a oportunidade de “trocar o cabo da enxada pelo cabo da caneta”²⁰, mas também aqueles que não fossem “letrados” se ocupariam em atividades braçais da construção civil. E, assim, teriam o nome “fichado em carteira de trabalho”, um desejo confesso.

Relatos do gênero são comuns, ainda hoje, entre os habitantes pioneiros do Distrito Federal. Na oralidade pode-se encontrar um rico acervo de histórias e estórias, contributivas na interpretação e reescrita da crônica sentimental da candangolândia.²¹ Essa palavra, aliás, aqui usada em conotação de neologismo, parece-nos bastante apropriada para dimensionar o recorte de investigação deste estudo. Ela assume forte representatividade da miscigenação hoje verificada na região formada pelo Distrito Federal e seus entornos limítrofes.

É de domínio público que a cidade foi planejada para chegar ao ano 2000 com uma população de 500 mil habitantes. Mas, em 2010, já ultrapassava a cifra de 2.600.000 habitantes, conforme o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).²² Tornou-se a quarta metrópole brasileira mais populosa, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. O

¹⁸ Sezão: denominação dada pelo homem sertanejo à malária, também conhecida regionalmente como “febre braba”.

¹⁹ Outras opções que se ofereciam aos migrantes trabalhadores eram a corte de cana, nos canaviais de São Paulo; a colheita do algodão nas lavouras de Mato Grosso.

²⁰ Linguajar regional com que os pais estimulavam os filhos a aprenderem a ler e escrever.

²¹ “Candangolândia”, um dos acampamentos da época da construção, é hoje uma das Regiões Administrativas (RAs) do Distrito Federal. Neste estudo, o sentido que damos à palavra abrange toda a grande Brasília.

²² IBGE. *Estados*: Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=df#>>. Acesso em: 27 nov. 2012.

extrapolamento populacional tem contribuído para a geração de um mar de carências que afetam quase todas as camadas da sociedade. Exuberam as necessidades básicas, para não dizer primárias, relativas à educação, habitação e saúde. Algo contraditório, pois o Distrito Federal exibe renda *per capita* acima da renda média brasileira, segundo informação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).²³

Sintomático, mesmo tendo nascido sob os auspícios de um plano modelar, a “nova civilização” desponta nos noticiários apresentando índices de criminalidade que figuram entre os mais elevados do País. Nesse particular, a composição dos cálculos é reforçada pelas ocorrências da denominada região do entorno (núcleos urbanos formados nas proximidades da divisa com os estados de Goiás e Minas Gerais), que se agregam às das periferias do próprio Distrito Federal. Para José C. Rassier, no atual cenário regional da violência não há nada inusitado, por se tratar de uma característica comum às cidades que, apesar de desenvolvidas, estão envoltas em um cinturão de pobreza e miséria.

Uma consequência previsível do crescimento desordenado dos grandes centros, é o aumento da criminalidade. A grande massa se aglutina em torno das cidades mais ricas, mas não se beneficia do crescimento econômico. Isso gera uma revolta social, que gera a violência. Brasília é hoje o maior PIB do país, só que isso não se estende às demais cidades satélites do DF e entorno, apesar de eles buscarem aqui uma melhor condição social.²⁴

Há um dado que mensura a gama de problemas regionais, à luz de referentes internacionais. Segundo pesquisa anual, feita pela consultoria norte-americana *Mercer Human Resource*, especializada em assuntos relacionados à qualidade de vida, Brasília aparece na posição 131 entre 420 cidades pesquisadas, em 2011, em todos os continentes.²⁵ Tais discussões induzem-nos à sensação de que os sonhos –

²³ CAITANO, Adriana. *Renda per capita do Distrito Federal é o dobro da média brasileira*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/renda-per-capita-do-distrito-federal-e-o-dobro-da-media-brasileira-20120119.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

²⁴ José Carlos RASSIER apud MAIA, Débora. *Violência e desigualdade, um retrato de Brasília*. Disponível em: <<http://merciafaraujo.wordpress.com/especial-violencia/violencia-e-desigualdade-um-retrato-de-brasilia/>> Acesso em: 25 nov. 2012.

²⁵ MERCER Human Resource. *Quality of living worldwide city rankings 2011*. Disponível em: <<http://www.mercer.com/press-releases/quality-of-living-report-2011>>. Acesso em: 25 nov. 2012. Foram pesquisadas 420 metrópoles, de todos os continentes e avaliadas 39 itens, distribuídos em 10 pilares: ambiente econômico, ambiente sociocultural, saúde e vigilância sanitária, escolas e educação, serviços de transporte público, recreação, bens de consumo, moradia e ambiente natural. Zurique (Suíça) oferece a melhor qualidade de vida; Bagdá (Irã) a pior. Só três cidades

bosqueano, kubitschekeano e candango – não se traduziram em práticas capazes de atender ao sonho candango. Em última instância, à demanda de expectativas de todos os brasileiros.

Diante dos fatos, parecem inevitáveis algumas perguntas: A “construção monumental” foi demolida antes de ser verdadeiramente erguida? Faliram os ideais, os sonhos e as utopias? Quais vozes se levantarão no contraponto da corrente de degradações? As questões estão em aberto.

1.4 A Nova Canaã e seus *neocananeus*

À época da migração operária, aos recém-chegados a Brasília era garantida a moradia em acampamentos e vilas. Atualmente, a geração nascida no Distrito Federal tem a opção de inscrever-se em programas habitacionais do Governo, nem sempre eficientes. Consequência: prolifera a cultura das invasões de terras públicas, por parte de grupos que se organizam para lutar pela moradia, ainda que de forma clandestina. São dois vértices de uma mesma história, o que faz lembrar o pássaro de bico pontiagudo, apelidado martim-pescador, presente nas matas ciliares dos rios brasileiros. Conforme o nome sugere, aquela ave é capaz de lançar-se em águas turvas, tal a quem foi empurrado por uma força arrebatadora. Arrisca-se, o corajoso pássaro, a emergir com a piaba para a alimentação, ou a embrenhar-se em cardume de piranhas e ser devorado em um triz. E assim sofrer a reversão do destino, tornando-se de predador a predado.

Do mergulho dos migrantes, montamos um quadro de depoimentos colhidos da imprensa, que retratam aventuras a que se deram muitos brasileiros e muitas brasileiras, quando rumaram para o planalto central, ciosos por vida cidadã. Há flagrante semelhança entre as duas coragens: a dos candangos pioneiros e a do martim-pescador. Ambos se deram ao risco de encontrar o lucro ou o sepulcro dos sonhos, dos desejos, da esperança.

brasileiras aparecem no *ranking/2011*: além de Brasília (131), São Paulo (172), Rio de Janeiro (178).

Quadro 1: Parâmetros para uma compreensão sentimentalista

| FUNDAMENTOS PARAMÉTRICOS | |
|--|---|
| <p>Brasília: (a) O sonho de Dom Bosco, o discurso de Juscelino, a esperança dos candangos; (b) “Exercerei a sós a minha estranha esgrima, buscando em cada canto os acasos da rima, tropeçando em palavras como nas calçadas, / Topando imagens desde há muito já sonhadas”²⁶; (c) Desejos íntimos dos poetas de emprestar uma consciência à sociedade, nas dimensões simbólica (valores), econômica e cidadã.</p> | |
| DEPOIMENTO DE CANDANGOS PIONEIROS ²⁷ | |
| Nome/Origem/Idade/Ocupação e ou razão da migração/Chegada ao Distrito Federal | Fala destacada pelo editor da matéria |
| Lúcio Batista Arantes: Trindade (GO), 85 anos, magistrado na cidade de Planaltina, 1951. | A mentalidade do candango foi se aprimorando ao receber o impacto das primeiras levas de funcionários para cá transferidos. A sociedade mesclada, a princípio, foi se transformando em sofisticada, até chegar ao padrão fina flor. |
| Nonata Perez Nobre Mourão: Itauracá (AC), 60 anos, acompanhando o marido, 1962. | Nossa atividade social era intensa. Sempre tinha um acontecimento na casa de alguém ou uma seresta para irmos. |
| Oraida Campos: Abaeté (MG), 70 anos, funcionária pública, 1960. | Era chique dizer que não gostava da cidade, mas a verdade é que todos que aqui chegavam terminavam se apaixonando [por ela]. |
| Ugo Bureste, Arezzo (Itália), 89 anos, minerador de areia e pedra, 1957. | [Em Brasília] havia gente de todos os lugares do País, mas entre os trabalhadores mais simples, os das regiões Norte e Nordeste predominavam. |
| Argemiro José Cardoso: Goiandira (GO), 65 anos, engenheiro, 1959. | Assim como muitos pioneiros, larguei tudo – conforto do lar e vida social – certo de que aqui eu poderia encontrar meu destino. |
| Célio Menicucci: Lavras (MG), 75 anos, médico, 1958. | Como as casas da Cidade Livre [atual Núcleo Bandeirante] eram de madeira, pegavam fogo muito rapidamente. As pessoas não tinham muita instrução e o número de queimados era grande. |
| Ernesto Silva: Rio de Janeiro (RJ), 89 anos, demarcou o local da construção da Capital, 1955. | Do cérebro de Anísio (Teixeira) e da pena de Lúcio Costa, íamos localizando no mapa de Brasília os jardins de infância, as escolas-classe, as escolas-parque... |
| Ana Maria Velloso: Santo Ângelo (RS), 48 anos, acompanhando o pai (militar), 1961. | Sempre fomos muito urbanos. Quando chegamos aqui, nossa quadra tinha mais mato do que cimento. Tudo era muito novo. |
| Luiz Carlos Alvim Dusi: Guarani (MG), 71 anos, funcionário do IAPI, 1960. | A cidade não parava, e até de madrugada os candangos permaneciam trabalhando para que Juscelino Kubitschek inaugurasse a Capital no tempo programado. |

²⁶ BAUDELAIRE apud BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. (Obras Escolhidas, v. III). São Paulo: Brasiliense, 2010. p. 112.

²⁷ PIONEIROS: Histórias de quem fez Brasília. *Correio Braziliense*, série sobre os pioneiros de Brasília, Brasília, abr. 2003. Disponível em: <<http://stat.correioweb.com.br/pioneiros/pioneiros20.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012. Os depoimentos foram selecionados de suplementos da série *Pioneiros: Histórias de quem fez Brasília*, publicados pelo jornal Correio Braziliense, durante o mês de abril de 2003.

| | |
|--|---|
| Walter Bertolucci: Uberaba (MG), 68 anos, mecânico de automóvel, 1958. | Naquela época era muito difícil morar em Brasília. Não havia água nem energia elétrica para todo mundo, mas havia trabalho, e precisávamos disso. Não podíamos deixar a oportunidade passar. Depois, fomos nos apegando à cidade, e antes mesmo da inauguração já brigávamos por ela. |
| Élio Moulin: Alegre (ES), 72 anos, fornecedor de areia e pedra, 1960. | Os contatos que fazíamos naquele cenário compensavam qualquer dificuldade que tínhamos que enfrentar no dia-a-dia. |
| José Martins Vieira: Ceres (GO), 74 anos, cartógrafo, 1957. | Lancei a picada sobre o terreno onde hoje está o Eixo e demarquei o marco-zero do Plano Piloto, no local onde até hoje está uma cruz de madeira, na frente do memorial JK. |
| Nicolau Neto Godói: Belo Horizonte (MG), 67 anos, pedreiro e coveiro, 1957. | Como Brasília reunia gente de todas as cidades e países, ajustávamos a frequência dos rádios para pegar estações de todos os lugares, como Porto Alegre e Londres. |
| Walter Lima da Cruz: Rio de Janeiro (RJ), 79 anos, assistente social, 1958. | Tudo tinha que ser feito na base da gozação porque por imposição não funcionava. Na Brasília do início, a única autoridade era a camaradagem. |
| Antônio da Silveira: Açú (RN), 70 anos, porteiro e office-boy, 1959. | Fazia-se amizade facilmente em Brasília. Aos poucos, a saudade foi se transformando em uma lembrança gostosa. |
| Ari Cunha: Fortaleza (CE), 77 anos, jornalista, 1959. | Corria muito dinheiro nas ruas, muitos negócios eram fechados aqui, pois as principais empresas do País enviaram representantes para Brasília. |
| Cacilda Rosa Bertoni: Piracicaba (SP), 84 anos, enfermeira. | Rapidamente fiquei conhecida em toda Brasília. Os maridos das mulheres grávidas dos acampamentos das construtoras vinham me pedir ajuda. |
| Fran Teixeira Gonzaga Lima: Belo Horizonte (MG), 68 anos, médico, 1960. | Era impressionante ver como tinha gente de estados diferentes por aqui. O Brasil estava reunido em Brasília. |
| Sully Alves de Souza: Belém (PA), 88 anos, responsável pelas questões legais, 1957. | Os institutos [IAPI, INPS] compravam as quadras em dinheiro e recebiam o valor de volta após a venda dos apartamentos. |
| Francisco Alencar: Sobral (CE), 74 anos, comerciante, 1960. | Particpei do auge da W3, [...]. Todos que vinham de outras cidades ficavam admirados com a beleza daquela avenida. |
| Guilherme Pinto da Silva: Cidade do Porto (Portugal), 89 anos, confecção de <i>souvenirs</i> , 1959. | Fui o primeiro a pensar na propaganda da Capital Federal em outros estados, pois todo mundo que vinha aqui queria uma lembrança para levar para casa. |
| Hellé Caiado de Castro Roller: Goiás Velho (GO), 84 anos, voluntária da Casa do Candango, 1960. | Todo o dinheiro arrecadado na Festa dos Estados era usado em obras assistenciais. Onde havia candango precisando de ajuda, a Casa do Candango estava presente. |
| Wagner Canhedo de Azevedo: São José do Rio Preto (SP), 68 anos, transportador de madeira, 1957. | A epopeia de Brasília só se concretizou pela capacidade de trabalho e o talento do povo brasileiro, que veio de todos os cantos do País. |
| Carlos Braga: Conselheiro Lafaiete (MG), 77 anos, membro da Comissão de Mudança da Capital, 1959. | Ficaram estampadas em minha retina a beleza, a imponência e a suntuosidade daquele ensolarado 21 de abril de 1960 [data da inauguração]. |
| Edson Porto: Araguari (MG), 72 | Os pacientes mais graves eram encaminhados para |

| | |
|--|--|
| anos, médico, 1956. | tratamento em Goiânia, levados em um avião fretado pela Novacap. |
| Tasso Galvão de Vellasco: Corumbá (GO), 70 anos, funcionário da Novacap, 1957. | Uma vez estava mostrando o Lago Sul para dois deputados que iam se mudar para a cidade e [...] demos de cara com um Lobo-Guará. |
| Yoshiaki Onoyama: Japão, 63 anos, agricultor, 1958. | Por causa dos incêndios sofridos [ao longo dos anos] o solo da região não possuía as bactérias necessárias para torná-lo fértil. |

Fonte: PIONEIROS: Histórias de quem fez Brasília. *Correio Braziliense*, série sobre os pioneiros de Brasília, Brasília, abr. 2003. Disponível em: <<http://stat.correioweb.com.br/pioneiros/pioneiros20.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

Usando critério empírico, acionamos o observatório pessoal, à cata de informação – em baús de guardados, arquivos e bibliotecas, na mídia virtual e não virtual – que nos propiciasse um abreviado histórico da vida brasiliense. A modalidade nos permitiu relacionar as labutas da população com o ideário “Nova Canaã”. Assim, munimo-nos da coragem de propor que cidadãos e cidadãs, a quem chamamos de *neocananeus*, sejam alocados em três categorias básicas: (a) *candango-pioneiro*, os que vieram construir a cidade; (b) *candango-pós-inaugural*, os que vieram movidos pelos anseios de progresso, na cidade já estabelecida; (c) *candango-brasiliense*, os que nasceram no Distrito Federal, filhos de migrantes ou filhos dos filhos dos migrantes.

Apossados da configuração preliminar acima, monta-se uma segunda configuração. Tem esta o intuito de retratar situações ressonantes nas venturas e desventuras daqueles que escolheram povoar a “Capital da Esperança”. A ordem instalada se mostra em três situações – distintas em alguns aspectos, simbióticas em outros – que denominamos “perspectivas”:²⁸

Perspectiva insucesso: quando o migrante, paulatinamente, foi-se deparando com realidades que lhe expulsaram para periferias favelizadas. Naqueles locais, ele passou a ter vivências e convivências totalmente diferentes do que lhe era habitual. Se antes tirava o sustento do cultivo da terra-mãe-generosa ou de trabalhos cuja execução exigia, apenas, habilidades herdadas do próprio ambiente sociocultural de origem, agora, era surpreendido por “estranhos” critérios de subsistência aos quais

²⁸ As três explanações – perspectivas “insucesso”, “sucesso” e “retrocesso” – foram construídas a partir de depoimentos captados da oralidade, especialmente, em função de nossa vivência como repórter em alguns órgãos da imprensa, atividade exercida, atualmente, no jornal *Linha de Frente*, onde assinamos a coluna intitulada Ciência ponto Consciência.

teria que se submeter. Perante a nova condição, expôs-se a futuro incerto, atormentador, macabro. Acuado em becos quase sem saída, o migrante teve que optar por retornar à terra natal, carregado de desencantos, ou por permanecer em bolsões de pobreza, submetido a percalços e adaptações, a si alheias.

Perspectiva sucesso: quando o migrante, paulatinamente, foi construindo um cabedal de conquistas, favoráveis aos seus objetivos. Mesmo que essa situação contribua para amenizar a incomodante ausência do ambiente sociocultural de origem, também esse migrante pode ter sofrido percalços, ainda que em dimensão mais suave. Isso porque suas conquistas vincularam-lhe a novas classes sociais, o que gerou necessidades e comportamentos novos. Por exemplo, regras de convivência, às vezes, antagônicas ao habitual de origem. Então, esse migrante “vencedor” teve que decidir em qual batalha manter-se: preservar o somatório de conquistas; aumentar o volume de conquistas; defender-se de potenciais intempéries que pudessem ameaçar o sucesso.

Perspectiva retrocesso: quando o migrante, em função de qualquer uma das duas outras perspectivas, mas por razões opostas, sofreu a fuga de valores originários. Aqueles valores podem ter sido impactados, até adulterados, pelas novas categorias de desafios. Teve que abrir mão de certos requisitos culturais para não ser confundido como ingênuo, quando dos enfrentamentos cotidianos. A fatalidade causada pelo sucesso aconteceu quando o homem-vencedor extasiou-se com suas conquistas. Estas, então, passaram a conspirar contra o próprio conquistador, face à sua possível falta de habilidades para lidar com o novo *status quo*. Já a fatalidade advinda do insucesso pode ter-se dado quando o migrante, consumido e decepcionado, precisou optar: ou retornar à terra natal, ou continuar a batalha-ferina-de-cada-dia, em ambiente periférico. Em ambas as situações, de sucesso ou insucesso, o migrante experimentou um choque sociocultural.

Quadro 2: Parâmetros para uma compreensão realista

| FUNDAMENTOS PARAMÉTRICOS |
|--|
| <p>Brasília: (a) A memória da capital do país, que pode ser: contada, cantada, <i>poemetrificada</i>; (b) "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. [...] O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus</p> |

| <p>interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. [...]. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor." (1Co 13) + "Amor é fogo que arde sem se ver [...] Mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade". (Luiz de Camões); (c) Atitude expressa dos poetas, visando a emprestar uma consciência à sociedade.</p> | |
|--|--|
| <p>DEPOIMENTO DE CANDANGOS NÃO PIONEIROS²⁹</p> | |
| Nome/Ocupação/Origem do depoimento | Fala recortada de matéria publicada na mídia |
| <p>Engels Espíritos. Compositor e músico, entrevista publicada na revista <i>Vip Moda</i>.</p> | <p>Pode-se dizer que os brasilienses representam o país inteiro na cultura, na miscigenação, na cor, no calor humano, na solidariedade, na religiosidade, na consciência política, no jeito alegre e feliz do brasileiro. Faço parte da primeira geração de brasilienses, talvez um dos resultados da miscigenação e da evolução do Brasil.³⁰</p> |
| <p>Paulo Maciel (banda Mel da Terra), poeta, músico, compositor. Reportagem publicada no caderno <i>Diversão & Arte (Correio Braziliense)</i>.</p> | <p>Estrela Cadente: Cai dos ares, vem dizer. O caminho da esperança. Vem deixando rastros, como um feixe de luz. Rasga aquele manto escuro, que nos cobre, todas as noites. Vem trazer a lembrança, de séculos que passaram sobre nossas cabeças, dentro de nossas cabeças.</p> |
| <p>Alexandre Carlos (banda Natiruts), poeta, músico, cantor e compositor. Reportagem publicada no caderno <i>Diversão & Arte (Correio Braziliense)</i>.</p> | <p>Quando fiz "Beija Flor" [em 1994], sentia necessidade de falar sobre o lado zen, suave e místico que Brasília carregava no seu dia a dia, no seu pôr do sol, no "céu de nuvens doidas". Nós, brasilienses, sabemos que Brasília é voz, atitude e política, mas não há como voltar para casa depois de um dia de trabalho e não perceber o show de cores do nosso fim de tarde.</p> |
| <p>Oswaldo Montenegro. Poeta, músico, teatrólogo, compositor. Reportagem publicada no caderno <i>Diversão & Arte (Correio Braziliense)</i>.</p> | <p>Parecia um paradoxo constatar que naquele imenso autorama, naquela cidade inundada de retas e espaços, moravam pessoas normais. O País sempre nos olhou como se fôssemos apenas habitantes do centro do poder, esquecendo que aqui há muito mais que a corrupção do Congresso Nacional e a autoridade que comanda o Brasil. A canção [Léo e Bia] é isso, um presente de um amigo e uma declaração de um brasiliense que andava "no centro de um Planalto vazio, como se fosse em [outro] qualquer lugar".</p> |
| <p>Renato Vasconcelos. Músico e compositor. Reportagem publicada no caderno <i>Diversão & Arte (Correio Braziliense)</i>.</p> | <p>Em 1974, vim para Brasília e me envolvi bastante com a cidade. Em 1981, fui para Belo Horizonte. [Então], com saudade da família e dos amigos [que ficaram no DF], bateu um banzo. Aí surgiu a inspiração para compor "Suíte Brasília", na qual musicalmente evocava os espaços abertos, o horizonte, o céu, a quietude da cidade.</p> |
| <p>Fê Lemos (banda Capital Inicial).</p> | <p>Compusemos "Música Urbana" em 1981. [...], o Renato Russo</p> |

²⁹ Depoimentos recortados de matérias publicadas na mídia escrita, conforme informação respectiva, em cada célula da coluna à esquerda e apresentada ao final do quadro como fonte geral. As exceções desta fonte geral serão apresentadas em nota de rodapé.

³⁰ ESPÍRITOS, Engels. Os filhos de Brasília. Entrevista concedida a Ivana Sant'anna. Brasília, 2011. Revista *Vip Moda*, Brasília, 7 ed., p. 71, 17 abr. 2011.

| | |
|---|---|
| Poeta, compositor e músico. Reportagem publicada no caderno Diversão & Arte (<i>Correio Braziliense</i>). | entrou com os versos, que ele começou a criar num passeio que tínhamos feito dias antes, à noite, pela cidade, e a neblina encobria a Torre de TV. O refrão original, que depois foi modificado, é o seguinte “Fui até a rodoviária comer pastel. A noite tem cheiro de gasolina e óleo diesel por toda a plataforma, você não vê a Torre”. |
| Renato Matos. Poeta, compositor, músico, cantor. Reportagem publicada no caderno Diversão & Arte (<i>Correio Braziliense</i>). | Cheguei a Brasília em 1974, vindo de Salvador. Na época, namorava uma menina que morava “Nas Casas” (zona de prostituição). [Então] compus “Um telefone é muito pouco pra quem ama como louco e mora no plano piloto. Se a menina que o cara ama tá pra lá do Gama, mata de desgosto. E ele fica dentro do pijama em cima da cama comendo biscoito. E a televisão com seus programas que não tem mais chama pra quem tá afoito. E ele foge para a Asa Norte tropeçando em ratos que saem do esgoto”. |
| Phillippe Seabra (banda Plebe Rude). Poeta, compositor, cantor e músico. Reportagem publicada no caderno Diversão & Arte (<i>Correio Braziliense</i>). | [A canção] “O concreto já rachou”, composição do final de 1983, retrata nossa visão da Brasília daquela época, uma utopia forjada, cidade stalinista. Quase como videntes, já sabíamos que a experiência não daria certo, porque setorizava a vida das pessoas e mascarava a diversidade que surge em toda a aglomeração. Isso acabou resultando no maior <i>apartheid</i> social do mundo, separando as classes, não por bairros, mas por cidades. Esse fim que ninguém previu, certamente não estava nos planos de Lúcio Costa. |
| Elício Pontes. Poeta e escritor. Poema intitulado “Brasília 50 Anos”, retirado do livro <i>Metade de Mim é Verso</i> , e publicado no caderno Diversão & Arte (<i>Correio Braziliense</i>). | Quando cheguei, o rosto da cidade pintava-se de vermelho com o pó da terra goiana. Ética não era uma palavra era um sentimento, um gesto. Praticava-se o encontro o riso franco e honesto ao amigo desconhecido. Quero de volta a poeira que sujava apenas os sapatos. Quero juntar de novo o pó e a ética, fundir numa palavra a imagem verdadeira de Brasília: Poética! |
| Ellen Oléria. Poetisa, compositora, cantora. Reportagem publicada no caderno Diversão & Arte (<i>Correio Braziliense</i>). | Tinha 17 anos quando escrevi “Senzala – a feira de Ceilândia”. Trabalhava numa indústria de papel. Enquanto o telefone não tocava, me lembrava da infância e da vida. (A feira da Ceilândia te oferece o que quiser comprar: peixe, sapato, retrato, colar pra te enfeitar. Sinto vontade, grande necessidade de comprar roupa xadrez, meia longa, bota preta pra arrasar, [...]) Mas o que você precisa mais, na feira não se pode encontrar: razão, consciência, senso, inteligência, uma cabeça pra pensar). |
| Chico Leite. Procurador de Justiça, professor e deputado distrital. Artigo publicado na revista <i>Plano Brasília</i> . | Brasília precisa dar exemplo de planejamento e de capacidade de gestão ao resto do país [...]. A cidade que deixaremos para as novas gerações só alcançará pleno desenvolvimento se nossos dirigentes forem convencidos da importância da execução de políticas públicas de médio e longo prazo [...]. As políticas de gestão precisam estar além do tempo de cada governo [...] e em permanente contato com a sociedade brasiliense. Cumpre planejar democraticamente o futuro. ³¹ |

³¹ LEITE, Chico. Passado desleixado, futuro planejado: os caminhos para Brasília. *Revista Plano Brasília*, ano 9, n. 105, p. 80, dezembro de 2011.

| | |
|--|---|
| Danyella Proença. Cineasta. Entrevista publicada no jornal <i>Metro</i> (Brasília). | Na época, [estava] em uma fase de muito conflito com Brasília, de achar a cidade sufocante, de os espaços vazios me incomodarem, de ir para São Paulo e pensar: “aqui, sim, as pessoas se encontram na rua, em Brasília não tem ninguém andando, se esbarrando”. Aí tive o insight [...] resolvi juntar os incômodos. (comentando sobre as filmagens do curta-metragem “Braxília”). ³² |
| Renato Russo (da banda Legião Urbana). “trovador solitário”, compositor e cantor. Domínio público. | Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria. É só o amor, é só o amor. Que conhece o que é verdade. O amor é bom, não quer o mal. Não sente inveja ou se envaidece. O amor é o fogo que arde sem se ver. É ferida que dói e não se sente. É um contentamento descontente. É dor que desatina sem doer. É um não querer mais que bem querer. É solitário andar por entre a gente. É um não contentar-se de contente. É cuidar que se ganha em se perder. É um estar-se preso por vontade. É servir a quem vence – o vencedor; É um ter com quem nos mata, a lealdade. Tão contrário a si é o mesmo amor. Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem. Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face. ³³ |

Fonte: LIMA, Irlam Rocha. Memória afetiva da capital pode ser contada em clássicos de brasilienses. *Correio Braziliense*, Brasília, caderno Diversão & Arte, p. 1, 16 set. 2012. Depoimentos sobre a memória da cidade de Brasília.

Naquilo que se tornou permanente na vida metropolitana, por conveniência do sucesso ou por consequência do insucesso, demarcamos o quinhão sociológico a ser investigado. Queremos enxergar pela lente da poética o que se ganhou ou o que se perdeu, assim como o que ainda está por ser conquistado, elado numa tríade de sonhos: de Dom Bosco, de Juscelino, dos candangos.

Se muitas oficinas têm falhado no erguimento de uma “Nova Canaã”, que o ofício dos poetas se mostre propenso a oferecer contributos ao tema. É por essa trilha que estamos indo, assinalando rastros deixados pela poesia, sobre o barro vermelho do, outrora ermo, planalto central.

³² PROENÇA, Danyella. Curta-metragem Braxília. Entrevista sobre as filmagens do curta-metragem “Braxília”. Brasília, 2012. *Jornal Metro*, Brasília, p. 07, 17 out. 2012.

³³ RUSSO, Renato. *O trovador solitário*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KKvgFVZ8qJg&feature=player_embedded>. Acesso em: 25 nov. 2012.

2 ÉTICA : PREVALÊNCIA DO "SER" SOBRE O "TER"

2.1 Na prática o sonho é outro

Neste início de século e milênio, o Brasil passa por uma crise de valores sem precedentes. São desmandos que atingem todos os segmentos da sociedade. Prova de tal realidade pode ser vista na grande mídia, diariamente. Isso quando não somos nós próprios atores ou partícipes nos acontecimentos que se materializam, tanto no cenário urbano quanto no cenário não urbano. É hora de nos perguntarmos: Será que há espaço para um estudo sobre tendências no aspecto da ética e da moral? Talvez sim, talvez não; o problema pode não ser de perda de valores, mas sim de escolha. Na sociedade indivíduos e grupos distinguem entre o que é justo ou injusto, o que é certo ou errado. Afinal, o que é ética; o que é moral; em qual ambiência permeiam; como, onde e quando devem ser exercidas? As perguntas podem ser ouvidas nos momentos mais inusitados.

Trata-se de valores passíveis de serem avaliados, desvalorizados e reavaliados. Isso quer dizer que os valores evoluem, podem ser moldados, debatidos e negociados. Pode-se até especular quanto a possíveis mudanças e consequências, do tipo religioso e espiritual, e quanto à ascensão de novos valores, inclusive políticos. Mas o desafio atualmente está na orientação ética. Esta há de levar o ser humano a se aposar de devidas cautelas, para que os valores não sejam baseados na lei da barganha ou da oferta e da procura. Menos ainda na preocupação do “ter” sobre o “ser”, mas no inverso disso. Numa primeira reflexão, diríamos que essas diferenças começam a ser percebidas revendo *flashes* de nossa vivência. Quando nos deparamos com situações tais:

Situação 1: Certa vez, ao acompanhar um familiar ao consultório da psiquiatra, ela se pôs a preencher longo questionário com meus dados, de acompanhante, em vez de preocupar-se com os dados relativos ao paciente. Chegando ao ponto em que perguntou qual minha renda mensal, questionei se não seria antiética aquela pergunta. A psiquiatra, acometida de súbita irritação, levantou-se da cadeira, deu mãozadas na mesa e, com postura arrogante, foi incisiva: “Este negócio de ética não existe!” Diante da cena, fiquei atônito e inseguro quanto ao verdadeiro uso que se deve dar a uma palavra capaz de despertar tamanho surto.

Tantas vezes ouvira a expressão “ética médica” ser falada como uma forma de referenciar o bom exercício da profissão.

Situação 2: No âmbito da instituição pública onde eu trabalho (Banco Central do Brasil), foi editado o “código de ética” destinado aos funcionários. No documento constam diretrizes comportamentais a serem seguidas no exercício das obrigações para com a sociedade. Entre os mais de 100 artigos, um deles em particular chamava minha atenção: receber presentes com valor acima de R\$ 100,00 (cem reais) caracterizaria um ato corrupto. A partir daquela edição, qualquer servidor que, eventualmente, viesse a aceitar mimo avaliável acima da quantidade de reais especificada, estaria incorrendo em falta grave. Poderia responder a inquérito administrativo e até ser demitido por justa causa. É o que o documento dá a entender.

Situação 3: Em plena Praça do Relógio, em Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, um grupo de religiosos tentava convencer uma moça a abandonar a prostituição. “Um pecado que contraria a Lei de Deus e as leis dos homens”, pregava um dos líderes do grupo. Nada mais afastado de qualquer valor ético do que aquela forma de vida. Era o que se podia concluir. Acuada, Ana Maria irritou-se: “Tenho coragem, sim, para ganhar a vida de outra forma! Então, junto com toda essa sabedoria, me tragam um emprego. Preciso levar comida para meus filhos, e não se mata fome de alguém só com palavras. Tem mais: A mulher foi feita para o homem. Deus criou a Eva para o Adão. Tá na Bíblia!”.

Reconheçamos que os comportamentos são vulneráveis a dissintonias com a interpretação, tanto quanto com o entendimento vulgar. Casos como os relatados abrem espaço para sutis confusões. Por um lado, parece não restar dúvida que “ser ético” é estar abastado de valor humano, religioso, moral, e equivalentes. Por outro lado, nota-se a presença de valores matemáticos tangenciando aqueles outros valores. É como se estes se atrelassem àqueles, como se a ausência daqueles cedesse lugar a estes, e vice-versa. Dá para entender? É incômodo ter que questionar: Também as instituições se equivocam quando tentam monetizar o que é ser ético e o que é não o ser? A partir de qual divisor, ou de qual montante, uma pessoa está ausente do que é correto ou incorreto?

Podemos encontrar uma primeira formulação no Pentateuco bíblico, quando Moisés, vivente de um mundo politeísta e povoado pela idolatria – desfavorável às escrituras – recebe os mandamentos da Lei. Naquelas circunstâncias, ele escreve e prega sobre o Único Deus Supremo, Uno e Trino, Criador do Céu e da Terra, revelando Seu caráter santo, bondoso, justo, onipotente, onipresente, onisciente, misericordioso e Pai. Como elementos iniciais para uma adaptação conceitual, apossamo-nos de expressões como “caráter santo”, “caráter bondoso”, “caráter justo” e “caráter misericordioso”, que convergem para a palavra “Pai”. Com intento de varrer estigmas, propõe-se que a palavra “Pai” dê vez à palavra “Mãe”. E estaremos mais próximos de significar o sentimento humano visado. Aquele que guarda menos distância do “divino”: o amor materno.

Procuramos uma concepção que nos ponha face a face com fisionomias da moral, da benevolência e bondade; capaz de atuar na cultura, na alma e no modo de vida de todas as pessoas, do princípio ao fim de suas vidas. E assim, compreendemos a necessidade de se reverenciar um *ethos* que possa ser traduzido em “cuidado”, como sentimento elevado ao superlativo. Afinal, “o cuidado [carrega] a primeira atitude ética fundamental, capaz de salvaguardar a Terra como um sistema vivo e complexo, proteger a vida, garantir os direitos dos seres humanos e de todas as criaturas, a convivência em solidariedade, compreensão, com-paixão e amor”.³⁴ Além de tudo, conclui-se que esse conduto de humanidade não cessa nas andanças textuais, é o senso comum que o reivindica, sem mais adiamentos.

2.2 "Quero ver quem paga para a gente ficar assim"

Era nove de agosto de 2012. Da agenda do dia constava assistir a uma palestra intitulada *Textos políticos em defesa de Brasília e do Distrito Federal*, na sede da Associação Nacional de Escritores (ANE), atividade do ciclo de conferências “Quintas Literárias”, daquela entidade. A propósito do “em defesa de Brasília e do Distrito Federal”, saltava uma pergunta: Por que não “em defesa do Brasil?” Considerávamos a interrogação precedente, visto que, por aqueles dias, a Câmara dos Deputados e o Senado estavam envolvidos em inquérito sobre um grupo suspeito

³⁴ BOFF, 2009, p. 88.

de atos ilegais com o dinheiro público. Fruto de investigação da polícia federal, que identificara fraude em contratos de prestação de serviço a órgãos do Governo, além da prática de jogos de azar em máquinas caça-níquel.

Compartilhavam-se as manchetes com o julgamento de outro caso, no Supremo Tribunal Federal (STF), o escândalo político apelidado “mensalão”, assunto de domínio popular. Os juízes se ocupavam de sentenciar o repasse irregular, também de dinheiro público, no âmbito da Câmara dos Deputados. Na esteira dos fatos, a mídia alardeava que o advogado de defesa de um dos acusados requisitara para sua fala os versos “sua piscina está cheia de ratos/sua verdade não corresponde aos fatos”, do compositor e cantor Cazuza.³⁵ O jurista tentara, ironicamente, atribuir aos magistrados falta de reputação para impor acusações ao seu cliente.

Sintomático, o presente tópico deste trabalho, “Quero ver quem paga para a gente ficar assim”³⁶, reproduz, fielmente, verso de uma outra das canções do mesmo Cazuza citado durante a sessão no STF. Indaga-se então: “Para a gente ficar assim como?” Saíamos dos rescaldos do sisudo ambiente dos plenários judiciosos e adentremos no indiscreto dia-a-dia, cosmopolita dos candangos. Precisamente, sigamos para um dos corações da “Capital da Esperança”, o agitado, confuso, e algo-a-mais, Setor Comercial Sul (SCS).

Lá, um desinibido casal atraía atenções. Ele: um negro cuja maltratada aparência não permitia que se lhe atribíssem idade precisa. Poderia estar entre os 20 e 30 anos. Pés descalços; cabelo desgrenhado; lábios com acentuadas queimaduras, o que levava à suposição de serem marcas do uso de drogas; físico com acentuado prejuízo da massa muscular. Ela: com características semelhantes às dele, mas aparentando ser bem mais jovem, não obstante o maltrato que lhe camuflava a delicadeza das feições. Exibia discreto resquício de vaidade feminina – desbotado par de brincos róseos, na mesma orelha.

Ao lado, numa ondeada fila lotérica, nós outros, no papel de apostadores na mega sena acumulada. Ele, então, fraseando em dialeto pouco culto, dirigiu-se aos apostadores. Pedia “um trocado, para o rango”, pois nada houvera comido naquele

³⁵ CAZUZA. *O tempo não pára*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/cazuza/45005/>>. Acesso em: 25 nov. 2012. Cazuza é o nome artístico de Miranda Araújo Neto (1958-1990).

³⁶ CAZUZA. *Brasil*. Disponível: <<http://letras.mus.br/cazuza/7246/>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

“hoje”. Paradoxalmente, trajava camiseta com manchas de calçadas, mas estampando a propaganda “UniEST: graduação; pós-graduação; MBA; mestrado; doutorado.” Ela, por sua vez, debochava da vida: “Estou nesta situação, mas fiz um filho lindo que vai estudar e ser alguém, [...] nem que seja o chefe da boca-de-fumo”. Engasgados com a própria mudez, os apostadores talvez pensassem: Quem, aqui, exibe o código mais significativo de crença no futuro? Ele, ela ou nós outros?

Alvissareiro! A depender daquelas fisionomias enfileiradas, nem tudo está entregue ao deus-dará. Os olhares pareciam carregados de compadecimento – nada mais que isso, mas pelo menos isso. Estávamos diante de um momento digno de “com-paixão”, na dimensão recomendada por Leonardo Boff?³⁷ Para ele o grande desafio ético e político a ser encarado por todos são os dois terços da humanidade, composto de pobres, oprimidos e excluídos, “sobrantes, descartáveis [num] mar de sofrimentos, de humilhações e de desestruturação das pessoas e das famílias”. Na sequência, diz mais o teólogo:

São humanos que afligem esse flagelo a outros humanos, seus semelhantes. Não o fazem porque são perversos, mas porque aceitam passivamente as consequências produzidas por um tipo de relação social cuja lógica férrea de ter vantagens individuais e de acumular privadamente bens e serviços apresenta-se cruel e sem piedade. Esse sistema, que já tem séculos de existência, hoje, expandiu-se praticamente em todo o planeta e configura a maior desordem ética e política de que se tem notícia.³⁸

Pois bem, contrariamente à mudez que engasgava a fila de apostadores, os *Textos políticos em defesa de Brasília e do Distrito Federal*, debatidos no fórum da ANE, materializam um brado que refuga a omissão e requer a defesa dos princípios éticos. Naquelas escrituras, vimos a abominação de mesquinhas e o escárnio de qualquer crueldade que possa assemelhar a convivência humana com a convivência destes animais: lebres com o ataque de lobas famintas; lagartos com o bote de serpentes traiçoeiras; carcaças com o apetite de cadelas magrizelas. O debate foi conduzido pelo presidente da “Confraria dos Cidadãos Honorários de Brasília”, poeta Wílon Wander, agremiação de pessoas agraciadas pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

³⁷ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009. p. 76.

³⁸ BOFF, 2009, p. 96.

Quatro foram os textos apresentados ao fórum.³⁹ (1) Juscelino Kubistchek diria: Brasília não é a cidade dos bandidos e da corrupção – os corruptos vêm de fora; (2) Intervenção, não! (3) Depois dos 50 [anos de fundação da cidade], uma boa ideia; (4) O povo do Distrito Federal vai vigiar seus políticos. Os títulos já denunciam que variáveis da política impõem-se como vetores degradantes do sonho candango. “Não deixe que falem mal da nossa cidade só porque abrigamos gente de todo o Brasil, inclusive alguns políticos [...] que tanto nos envergonham” é o que diz o texto mais antigo, escrito em 2005. Ensaia sobre comportamentos a serem adotados em defesa da boa imagem de Brasília, com engajamento em ações que mostrem: “indignação cidadã para familiares, amigos, colegas e órgãos da imprensa; pedindo o apoio de todos [...], acompanhando e comentando sobre essa campanha permanente em defesa” da Capital Federal.

Os outros três textos são de 2010 e aludem ao cadafalso erigido por uma gama de acontecimentos, culminantes na prisão do governador do Distrito Federal. Aquela autoridade estava recolhida à penitenciária na data em que a cidade completava o cinquentenário de fundação. A propósito, o texto de número 2 repudia ameaças de intervenção no DF, cogitada, constitucionalmente. E epigrafa declaração do ex-presidente da República, Tancredo Neves: “Conheço cidadãos cassados, conheço grupos cassados, mas cidade cassada eu só conheço Brasília, [que] não pode ser o túmulo da democracia”. Na mesma linha, do texto 3 destaca-se:

O escândalo revelado pelo Superior Tribunal de Justiça e pela Polícia Federal [...], mostrou a todos nós que, lamentavelmente, o que falta a boa parte dos políticos do Distrito Federal é observância da Ética e dos princípios constitucionais de impessoalidade, moralidade, legalidade, publicidade e eficiência no trato com o patrimônio público distrital.

O último dos textos a subsidiar os debates sugere vigilância permanente das práticas cidadãs. Apregoa a regulamentação do “artigo 12 da Lei Orgânica” do DF, no que dispõe: “Cada região administrativa terá um conselho de representantes comunitários, com funções consultiva e fiscalizadora, na forma da lei”. A

³⁹ Texto 1: de 12 de agosto de 2005, chancelado pela “Confraria dos Cidadãos Honorários de Brasília”; texto 2: Intervenção, não!!!, de 25 de março de 2010, chancelado pela OAB Distrito Federal; texto 3: de 21 de abril de 2010, chancelado pelo “Movimento em prol de uma destinação cidadã para o Cinquentão”; texto 4: de 31 de agosto de 2010, chancelado pela “Confraria dos Cidadãos Honorários de Brasília”.

regulamentação possibilitaria, sugere o texto, a criação de um “Centro de Estudos e Prática da Ética e da Cultura – CESPEC”.⁴⁰ A instituição definiria e fiscalizaria “o que seus cidadãos exigem, na conduta de seus representantes políticos, distritais e federais”, no exercício de mandatos concedidos pela força do voto popular.

Em tempo, caso fosse possível um *mea culpa, mea maxima culpa*, para como as lobas famintas, as serpentes traiçoeiras e as cadelas magrizelas, isso deveria ser feito, aqui e agora. Conforme a simbologia da Criação, esses seres, apesar de, assim como o homem, haverem sido trazidos ao mundo no “sexto dia” – mesmo período geológico –, não usufruem condição de racionalidade, submetidos que são à lei do instinto. Já o homem discerne sob os auspícios da consciência desde o início. Desde quando “disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1.26).

Entretanto, nenhum versículo delega ao ser adâmico direitos de usurpar aqueles que lhe são pares. Vivemos uma conjuntura que apela à “ética global”, requerente de direitos a todos os seres, o que se impõe como premissa *mater* em nossa pauta investigativa. Daí é possível reconhecer quem “paga para a gente ficar assim”. São todos aqueles que semeiam o sofrimento e que, não raramente, confundem-se com o nosso “próximo” mais próximo. Para estes ou para aqueles, avessos à moral-ética-justiça, exclamemos: “Ó Deus, tende compaixão, misericórdia e piedade! E concedei-lhes, severo-generosamente, os corretivos de todas as leis”. É o que nos cabe deduzir e inferir, salvo melhor juízo.

2.3 Leite e Mel ou chá sem zero cal?

Na metáfora premonitória do sonho de Dom Bosco, encontra-se o gérmen do território, em pleno planalto central do Brasil, que seria a “terra prometida”, onde correria “leite e mel”. Local onde também haveria “minas de petróleo e metais preciosos”, em abundância. Nas expressões entre aspas transparece uma utopia

⁴⁰ Apesar de o “Artigo 12 da Lei Orgânica do DF” estar, hoje, regulamentado, o CESPE ainda não saiu do mundo das ideias dos “cidadãos honorários de Brasília”.

concebida nas dimensões da fé. Entretanto, reconhecemos que seria muita bonança para o mesmo quinhão. O ceticismo nos estimula a delongar sobre comportamentais do “politicamente correto”, tão em voga. Seria compreensível que fosse retraduzido o famoso sonho para “terra onde correria água límpida, salubre e cristalina”. Onde as minas de petróleo cederiam vez a jazidas não poluentes, aliadas de todos os *habitats*. Quanto à preciosidade das pedras, rogaríamos que preciosa fosse toda a natureza, usufruída com a parcimônia das reais necessidades.

Neste momento, não estamos a avaliar as utopias metafóricas. Menos ainda o potencial dos veios de leite e mel, antevistos por Dom Bosco. Além do mais, enxergamos crenças mesmas do santo italiano neste destaque do discurso presidencial: “sobre o amanhã do meu país, antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável”.⁴¹ Ou seja, transparece que a etimologia da “fé” jamais será alcançada pela terminologia do “impossível”, e é legítimo que assim o seja. Quando se lê que “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13), não há como fugir de uma exegese conforme com ensinamentos do próprio Cristo. “Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta montanha: ‘Vai daqui para lá’, e ela irá.” (Mt 17.20). Portanto, ceticismos ora cabíveis não diriam respeito à Providência, mas à previdência gerida pelo arbitral humano.

Cabem aqui algumas mensurações. A produção de litros de leite sinaliza o martírio de hectares de cerrado nativo, para dar lugar à pastagem artificial, do alimento bovino; a destruição da flora subtrai matéria-prima indispensável ao fabrico do mel, o pólen floral, sem o que as abelhas perdem função na existência. Não se pode também negar que a modernidade preconiza como imprescindível “uma ética laica, racional (apenas), muitas vezes baseada numa lei natural”.⁴² Adoções tais nos põem a favor da bebida cristalina, sem cor, sem sabor, inodora, revigorante e vital, sobretudo. Formatamos, nesses termos, uma das rupturas passíveis de serem manifestas quanto à utopia bosqueana: o “leite e mel” dando vez à “água mineral”.

Durante aula de Hermenêutica Bíblica, na Faculdades EST, o professor Uwe Wegner ilustrava o tema do dia com abreviado exemplo. Ao retornar do doutorado, na Alemanha, trouxera convictas argumentações teológicas que lhe acompanhavam em

⁴¹ CONAE, 2010.

⁴² VALLS, 2005, p. 38

quase todas as conversas acadêmicas – os assuntos sempre lhe remetiam à salvação da alma, à conquista do paraíso, ao transcendente. Até que colegas de cátedra lhe teriam sugerido encarar a realidade premente, adotando uma teologia “mais da Terra” e “menos do céu”⁴³. O relato nos ajuda a interpretar a alcunha “Nova Canaã”, a concepção que, de fato, não se materializou. Houvesse os sonhos de Dom Bosco e Juscelino Kubitschek se ajustado a concretudes mais visíveis, talvez a “terra prometida” não se tivesse dissipado, tal qual a poeira de barro vermelho semeada nos ares pelos redemoinhos de vento, a cada período de estio do planalto central.

O fenômeno, tão característico na região, também sugere outro rompimento: do sonho dos candangos, quanto a inalcançáveis bonanças e benesses que os motivaram a rumar para a “Capital da Esperança”. Sem nenhuma intenção de querer cativar deleites de humor, não se pode deixar de registrar que – fruto de coincidências?! – ao principal cemitério do Distrito Federal foi dado o nome de “Campo da Esperança”. Entretanto, se lá, outrora, foram sepultados muitos sonhadores, indistintamente, o mesmo procedimento não acontece nos dias atuais. A nobreza atribuída a cada metro quadrado de chão vem contribuindo na seleção dos cadáveres que podem ter jazigo no local: a minoria que logrou, em vida, razoável poder aquisitivo. Honra ao mérito? Responde-nos David Hume:

O que é honroso, o que é imparcial, o que é decente, o que é nobre, o que é generoso, toma posse do coração e anima-nos a abraçá-lo e conservá-lo. O que é inteligível, o que é evidente, o que é provável, o que é verdadeiro, obtém somente a fria aquiescência do entendimento e, satisfazendo uma curiosidade especulativa, põe um termo a nossas indagações.⁴⁴

Sem titubeios, temos de concordar que “não há qualidade mais merecedora da boa vontade e aprovação geral dos homens que a beneficência e a humanidade, a amizade e a gratidão, a afeição natural e o espírito público”.⁴⁵ Sabe-se que, enquanto ser político, inserido em grupos ou subgrupos sociais, no que se refere à parte prática da vida, o homem há de ser conduzido pela busca do seu jardim do Éden. Entretanto,

⁴³ Encontramos semelhança entre os termos teologia “mais da Terra” e “menos do céu”, do relato de Uwe Wegner, com o brado de Ana Maria: “então, junto com toda essa pregação, me arranjam um emprego” (item 2.1, p.22).

⁴⁴ HUME, David. *Investigação sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 228s.

⁴⁵ HUME, 2004, p. 235.

a tarefa maior talvez não seja já encontrá-lo pronto e estabelecido, mas construir ou reconstruir esse Éden. E o ambiente, muitas vezes, apresenta-se totalmente desfavorável aos ervanários da "esperança". Que desse plantio se possa colher ervas aromáticas propícias a um verdejante chá – se sem mel, mas também sem zero cal⁴⁶ – rico em nutrientes favoráveis à vida cidadã, naturalmente. E que a chaleira transpire vapores que outro nome não tenha senão “*ethos* mundial”, derivado desta etimologia:

A começar pelo termo *ethos*, tem-se que, na sua grafia com *eta* inicial, significa *valores, costumes, normas, leis* regentes da conduta ou do agir humano, e que se encontram, enquanto produção *cultural* do homem, em processo de constante construção e reconstrução no curso histórico da existência humana. *Ethos* com *épsilon* inicial designa o *hábito (hexis)* de agir de uma determinada maneira. Tal maneira, para ser ética, deve ser aquela voltada para a efetivação do melhor, isto é, do Bem, pelo que o *ethos* se transforma no meio de auto-realização do homem. [...] Na verdade, esses dois sentidos do *ethos* são interligados através do termo mediador *práxis*, que é a própria ação do homem, o ato ou o agir humano, sempre teleológico.⁴⁷

Por sua vez, Leonardo Boff aponta como elementos suscitantes da necessidade de construção de uma ética mundial, verdadeiramente planetária, três problemas emergentes: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica. Dentro de uma situação classificada pelo teólogo como “devastadora” caberiam homens, animais e plantas, enquanto partes do grande sistema. Quanto à humanidade, esta estaria rachada em duas metades: “uma classe opulenta, refugiada nos países do primeiro mundo”, com capacidade vital propensa a ir além dos 100 anos; “outra classe desfavorecida, imersa na pobreza do terceiro mundo”, com expectativa de vida aquém dos 60 anos.⁴⁸

Vimos na significação da palavra “ética” amplitude que extrapola a necessidade presente. Não obstante remeter a questões de hábitos, costumes, usos e regras, assimilação social de valores, mesmo assim, precisamos engendrar uma definição que nos favoreça a identificá-la como tema, no discurso poético. Muito disso em função de a lírica primar pela linguagem metafórica e eufemística, peculiaridades que requerem discernimento interpretativo. Por outro lado, mais uma vez, Hume nos fala que para atingir o fundamento da ética, temos que alcançar seus princípios

⁴⁶ Adoçante produzido quimicamente, comercializado sob o argumento de que não contém quantidade de calorias que favoreçam a obesidade.

⁴⁷ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Direito*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 10.

⁴⁸ BOFF, 2009, p. 35s.

universais, dos quais se derivam, em última instância, toda censura ou aprovação. Por ser “uma questão factual e não um assunto de ciência abstrata”, do qual só se pode esperar obter sucesso “seguindo o método experimental [...], a partir de uma comparação de casos particulares”.⁴⁹

Se perguntarmos para qualquer pessoa o que é “ser ético”, acreditamos que a maioria terá resposta imediata, ainda que evasiva e não precisa, mas que aponta na direção de algo bom, respeitoso, indispensável e fundamental. Talvez essa noção se tenha gravado no inconsciente coletivo “junguiano”, à medida que todos têm que se moldar a indispensáveis ajustes, em prol da saudável convivência. Entende-se que no bojo de uma pesquisa acadêmica, o assunto deve estar mais bem instalado. Assim, decidimos montar um quadro sintético, evidenciando termos, axiomas e expressões, captados das leituras contextuais, de forma a delimitar o significado da palavra “ética”, ao satisfatório da investigação. Isso é o que se explicita no quadro seguinte, cujos signos se donominam “epítetos”, e que, apenas para finalidade didática (facilitar a observação), estão divididos em três blocos.

Quadro 3: Parâmetros para uma análise discursivo-ética

| EPÍTETOS PARAMÉTRICOS |
|---|
| Epítetos 1*: (a) <i>obrigações do Estado, compaixão da sociedade, mão amiga do vizinho, normas universais que ultrapassem o caso particular, a utilidade do fato, o interesse pessoal;</i> (b) <i>“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se [...] a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”</i> (Art. 5 da Constituição Federal); (c) <i>“Conhecereis a verdade e ela vos libertará”</i> (Jo. 8.32) + <i>“Vida em plenitude para todos”</i> (Jo 10.10). |
| Epítetos 2: <i>a beneficência, a humanidade, a amizade, a gratidão, o espírito público, a preocupação com as espécies, o cuidado, a cooperação, a corresponsabilidade, a compaixão, a reverência e seus equivalentes.</i> ⁵⁰ |
| Epítetos 3: <i>o que é honroso; o que é imparcial; o que é decente; o que é nobre; o que é generoso; o que é compassivo; o que é benfazejo; o que é amistoso; o que é humano; o que é sociável; o que revela boa índole; o que comove o coração e seus equivalentes.</i> ⁵¹ |

(*) o sinal (+) mantém o significado matemático convencional: “mais”.

Com a remoção de cenários, o refazimento de possibilidades e a (re)tradução de realidades, intentamos uma compreensão mais elementar de tratativas sobre a “ética”. Esta, sim, é a preciosidade maior que, *a priori*, gostaríamos de encontrar

⁴⁹ HUME, 2004, p. 231.

⁵⁰ HUME, 2004, p. 210-230.

⁵¹ HUME, 2004, p. 210-230.

embutida na poética candanga. De modo tal que, das abstrações impressas no discurso, se possa ter compreensão mais objetiva, respeitadas a inspiração e a estilística dos poetas.

3 POÉTICA: O DISCURSO E A DISCUSSÃO

3.1 Focando o discurso poético

Escrever é transmitir ideias, concretizar desejos, realizar sonhos; escrever é prolongar a firme voz de comunicar e disseminar valores. Quando se avança para a história da História, vêm perguntas que nos trazem equações do passado, proporcionais ao que é interessante compreender sobre incógnitas do presente. Nessa medida, formatamos algumas questões a respeito do assunto “poeta, discurso, poética”. De que modo acontecera o prodigioso aparecimento da escrita? Letras e alfabetos terão sido enviados diretamente por Deus, tal como relata o Antigo Testamento no episódio em que Moisés recebeu as Tábuas da Lei? Na época, quem estava em condições de ler, interpretar e compreender aqueles textos, cifrados, já que a cronologia bíblica situa-os na Idade do Bronze? Acreditamos que não incorreríamos em arroubo herético se inquiríssemos: Também a linguagem poética caíra do céu?

Em contexto bíblico, aproveitemos para partilhar da vigorosa lírica de Salomão. O profeta que proclama e glorifica sentimentos, atribuídos por muitos comentadores a uma iluminação romântica. Desse aval, destaquemos versículos que exaltam dotes feminis: “teus lábios são favos escorrendo, ó noiva minha, tens leite e mel em tua língua, e o perfume de tuas vestes tem todas as fragrâncias do Líbano” (Ct 4.11). Trata-se de descrição não raras vezes incompreendida pela moral comum, mas afinada com referentes de felicidade ancorada no “leite e mel”, linguagem metafórica abordada ao longo deste estudo. Importa-nos ressaltar a beleza discursiva, a forma subliminar e o elevo da mensagem – normas de encanto do ouvinte ou do leitor. Mais ainda adentremos na realeza lírica do Livro dos Salmos, rica de todas as precedentes adjetivações.

Os filhos dos leões necessitam e sofrem de muita fome, mas aqueles que buscam ao Senhor bem nenhum lhes faltará (Sl 34.10); Os olhos do Senhor estão sobre todos os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor; A face do Senhor está contra aqueles que fazem o mal, para desarraigar da terra todas as suas memórias (Sl 34.16); Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas elas (Sl 34.19).

A conceituação clássica diz que a História começou com o aparecimento da escrita. Acontecimentos a ela antecedentes situar-se-iam no período classificado

como pré-histórico. Indiferente a divisórias, louve-se o discurso poético que tem permeado todos os tempos, sem nenhuma cerimônia ou omissão. Mas quando, então, teriam surgido os códigos da poética? Diz-nos a lenda que, na Antiguidade, havia na Grécia uma região denominada *Parnasus* (Monte Parnaso) habitada por poetas – viera de lá a cognome do gênero literário “parnasianismo”. As intensas ventanias da região, quando sopravam à entrada das cavernas, produziam uivos repetitivos e ritmados. O hábito, dos que ali viviam, de apreciar, imitar e cantar aquele fenômeno da natureza proporcionara o surgimento da métrica, da rima, da poesia. É indubitável que tentáculos da lenda alcançam, inclusive, Aristóteles. Em sua obra *Poética*, consta:

Como a imitação nos é natural, tal como o são a harmonia e o ritmo (é evidente que a métrica faz parte dos ritmos), originalmente aqueles dotados de talentos naturais no que se refere a essas coisas aos poucos se desenvolveram e, a partir de improvisações, criaram a poesia. Esta se subdividiu em dois ramos, em consonância com o caráter moral de seus criadores. Os indivíduos mais sérios dedicaram-se à imitação de ações nobres, e daqueles que as realizavam. Os indivíduos mais vulgares representavam as ações de pessoas vis, tendo eles iniciado produzindo inventivas, enquanto os primeiros produziam hinos e encômios.⁵²

No entanto, versada em língua portuguesa, a poesia só viria se mostrar por volta do ano 1189, quando “Paio Soares de Taveirós compôs sua cantiga de amor para Maria Ribeiro, [...] cantiga essa que tem sido considerada o primeiro documento da história da Literatura de Portugal”.⁵³ Segundo Massaud Moisés, na fase anterior, a literatura portuguesa constava apenas de um “estágio pré-documental”, incluindo o gênero da prosa, com suas formas respectivas de conto, novela e romance. Até então, tudo era registrado apenas na oralidade, portanto ainda não se tratava de literatura propriamente dita. No conceito de Massaud Moisés, a literatura precisa de “letra”, como o próprio nome sugere. “Pois não temos outro jeito de conhecer uma obra literária sem que esteja transcrita [...]. Por mais generosa que seja a ideia romântica de uma literatura oral, popular, esta não passa de folclore”.⁵⁴

Massaud Moisés não arreda de querer a estética literária por escrito; segundo ele, “mais versátil à leitura”, o que considera, “inquestionavelmente, a primeira

⁵² ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Poética, 1992. p. 45.

⁵³ MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 21s.

⁵⁴ MOISÉS, 1989, p. 26.

condição para que uma obra possua caráter literário”.⁵⁵ Se concordarmos, fielmente, com Moisés, estaremos avaliando que a poesia em seus primeiros momentos, lá de *Parnasus*, careceu de *status* artístico, já que, à época, seus conteúdos eram sustentados pela oralidade. Algo nos aparece explícito, aqui: para se chegar a bom-termo sobre “poética”, precisamos mais do que literar o que já consta dos livros. Outras definições precisam ser agregadas, visando a compatibilizar uma compreensão à nossa proposta investigativa. E isso se dá via construção de quadro paramétrico, facilitador das análises.

Explica-se a necessidade no fato de um texto poético ser tão subjetivo, que se corre o risco de passar a ver chifres em cabeça de unicórnio, em cenário imagético onde o próprio unicórnio não precisa existir. Sim, porque a poesia é feita para isso mesmo, para estimular o imaginário, cativar deleites, provocar reflexões. Dia desses, quando nos introduzíamos nestes presentes parágrafos, caiu na rede social uma mensagem que nos despertava mais uma curiosidade, entre tantas que se disseminam internet a fora:

Pessoal, amanhã será exibido um filme, de Neto Borges, no Festival de Cinema de Brasília, que vale a pena conferir, “Sob o signo da poesia”. O “Mel da Terra” agradece a honra de ter sido lembrado em um filme realizado com tanta sensibilidade. Ficamos encantados com a fotografia, com o clima, com o ritmo, com o conteúdo, enfim, com a qualidade geral da obra. Parabéns a todos os seus realizadores!”⁵⁶

Fomos conferir o anunciado. O filme referido documenta todo um contexto vinculado à poesia, mas, ao mesmo tempo, traduz seus elementos característicos para a leitura cinematográfica. Motivo para resistência da curiosidade: A poesia pode exprimir-se na linguagem de toda a gente? Há quem diga que trazer o pensamento poético, transcendente, para o linguajar ordinário importa em adulterar esse mesmo pensamento, em dizer outra coisa que não seja a pensada pelo poeta. Decerto, a realidade literária é, naturalmente, abstrata, arredia, recalcitrante. Por isso, há de ser tratada com um vocabulário especialíssimo, sob o risco de sofrer prejuízos no vigor da

⁵⁵ MOISÉS, 1989, p. 27.

⁵⁶ MATOS, Paulo. Festival de Brasília do Cinema Brasileiro [mensagem pessoal]. Mensagem captada da rede social facebook, em 22 set. 2012, quando da realização da 45ª edição do “Festival de Brasília do Cinema Brasileiro”.

estética. Deduz-se que escrever um texto poético é mais que cunhar letras em palavras, formalizar palavras em frases, formatar frases em versos.

3.1.1 *Gostar versus Entender*

Veza e outra, ouvimos pessoas classificarem um poema como de “muita profundidade”. Expressam a opinião das mais diferentes maneiras. Por exemplo: gostei muito, mas não entendi bem; é bonito, mas tem muita filosofia; é belo, realmente coisa de poeta (!?). Parece paradoxal alguém gostar e, ao mesmo tempo, não entender o que leu ou ouviu. Quem assim o diz, terá gostado apenas para agradar ao interlocutor, ou para não se passar por inculto? Entende-se que os poetas têm que conviver com esse dilema de muitos leitores. Entrementes, o poema há de se resguardar, indomável ao vulgo. É justa a causa, pois qualquer tema tem direito à linguagem lírica. Desde que submetido às suas formalidades, ao senso interpretativo, ao convite reflexivo.

Reconhecemos a poesia como um importante diálogo do poeta com a sociedade. Especialmente, diante da tendência a se confundir individualismo com egoísmo, em razão da própria contemporaneidade da vida. Nesse particular, merece todo respeito o ato de alguém passar dias, ou noites, garimpando palavras que deem significado preciso a uma ideia. Prova de que qualquer pessoa é dona absoluta do próprio pensamento. Por outro lado, a mesma poesia há de ser uma espécie de saguão com livre acesso. Oportuna opinião nos dá o poeta espanhol Luís García Monteiro, propondo facilidades à vida do leitor.

Os poetas se colocam numa postura de escrever numa linguagem difícil, sobre coisas que nada têm a ver com a sociedade. Isso já deu uma poesia vanguardista muito boa, mas também afastou a poesia da sociedade. Recuperar com dignidade poética a linguagem das pessoas é voltar [...] à linguagem comum do espaço público onde a rebeldia da consciência pode encontrar um sonho coletivo capaz de se opor a toda essa perda de valores democráticos da sociedade contemporânea.⁵⁷

Com propósito de uma melhor objetividade interpretativa, catalogamos definições, classificações e considerações sublinhadas das leituras de

⁵⁷ MONTEIRO, Luís García. Entrevista ao jornal *Correio Braziliense*. Brasília, 2011. *Correio Braziliense*, Brasília, caderno Diversão & Arte, p. 5, 25 set. 2011.

fundamentação. À compilação dos recortes denominamos “epítetos”, e constam de um quadro⁵⁸ que dá suporte às análises textuais. Ali estão parâmetros que orientam o “até onde” podemos ir, no presente estudo. Assim anulamos constrangimentos íntimos de não podermos abraçar leque mais amplo de significantes. Nos limites dos epítetos sistematizados, encontramos respaldo para: (a) classificar o texto como lírico-poético ou não; (b) considerar o texto revelador de abordagem sobre princípios éticos ou não; (c) distinguir elementos estéticos que favoreçam a proposta interpretativa. Consideremos que um texto é tanto mais vulnerável a diferentes compreensões, quanto mais literário o for.

Aqui, tratamos o texto lírico-poético como um gênero de “discurso”, palavra que admite muitos significados. Entre os mais conhecidos está aquele que o vê como exposição metódica de um assunto, cujas ideias se organizam pela linguagem, de forma a influenciar no raciocínio e nos sentimentos do ouvinte ou leitor. Outro significado é muito usado entre cientistas sociais e estudiosos da Comunicação. É o que vê o discurso como sustentáculo de um conjunto de pensamentos e visões de mundo, derivados de instituições que permitem e legitimam as relações sociais, prestando-se, inclusive, à defesa de ideologias e interesses. Objetivamente, o dicionário tem o discurso como “peça oratória proferida em público ou escrita como se tivesse de o ser.”⁵⁹

Foucault analisa a formação do discurso “verdadeiro” baseando-se no que ele chama de “os três grandes sistemas de exclusão” que o atingem: “a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade”, esta que, segundo ele, “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontrolável”⁶⁰, independentemente do tempo em que é proferida. Para Foucault, o discurso atravessa todos os elementos da experiência e, nesse sentido, o sonho lírico é capaz de sempre reaparecer, “em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos”.⁶¹ Independentemente da linguagem à qual pertença, segundo Foucault, mais

⁵⁸ Vide quadro 4, p. 48.

⁵⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Verbetes “discurso”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 481.

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 18s.

⁶¹ FOUCAULT, 2005, p. 23.

importante que o conteúdo de um discurso, é o papel que ele desempenha na ordenação do mundo; entretanto, reconhece que:

Seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo, sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente [...]. As interdições não têm a mesma forma e não interferem do mesmo modo no discurso literário e no da medicina, no da psiquiatria e no da direção de consciência.⁶²

Os conceitos contemplam o acervo investigado tanto nos aspectos estéticos e sígnicos quanto tematólogicos. O universo explorado vem do que consta escriturado, mas também valoriza vieses da oratura.⁶³ Ou seja, conteúdos que, mesmo já assentados em papel ou bases outras de registro, mantêm-se fiel à linguagem originária da natureza de quem a proferiu. Até porque o discurso lírico-poético pode ser falado e declamado, lido e dissertado, ouvido e assimilado. Inicialmente, supúnhamos que apenas o que estivesse editado em livro satisfaria ao olhar da pesquisa, mas fomos levados a admitir que não só. Diante do que nos foi saltando aos olhos, vimos riscos de omissão quanto ao evidenciado no leque midiático e, inclusive, nos relatos orais renovatórios.

Daí, decidimo-nos por considerar, como objeto transversal, a poética que se foi inserindo no corpo deste estudo, ao longo da pesquisa.⁶⁴ A razão da maleabilidade para com esse quesito está no fato de a linguagem literária ser, particularmente, denotativa e opaca, pois o signo se volta para o simbolismo, sem referência ao mundo físico. A característica revelou uma poética que se foi aderindo ao nosso esforço, à medida que eram coletados como elemento contextual. Então, retornamos a Massaud Moisés, quase a lhe pedir licença para continuarmos construindo nossa estratégia de análise, sem negar atenção ao que ele recomenda ou repudia.

Na verdade quando falamos em obra literária pensamos em um objeto concreto, palpável, e não numa sequência de massas sonoras. [...] A poesia, além de ser não representativa da realidade externa, é suficiente em si

⁶² FOUCAULT, 2005, p. 67.

⁶³ Alguns teóricos vêm ousando, ainda timidamente, estabelecer dois conceitos: Literatura, para literatura escrita; e Oratura, para literatura oral. FERREIRA, João. *O Ofício do Escritor*. Artigo de 8 de setembro de 2005. Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=6200&cat=Ensaio&vinda=S>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

⁶⁴ Vide quadro 2, p. 24.

própria: O poeta cria, com seus meios próprios (a linguagem verbal), um mundo à imagem e semelhando do Universo; cria caracteres, afetos e paixões, como se fossem reais, pois não podem ser reais, visto que as inventa ou as exprime vocabularmente.⁶⁵

Uma fala assume postulações distintas dependendo do local ou da ocasião em que se adere ao cotidiano social. “Embora duas diferentes formações discursivas possam ter determinadas palavras ou expressões em comum, [...] é a relação de umas com as outras que determina o sentido respectivo a cada uma delas”.⁶⁶ Prova disso é notada nas divergências entre uma construção prosaica e outra versificada. Nesta, a palavra se capacita a conduzir o leitor a um exercício imaginário bem mais instigante do que naquela. Contribuem para esse exercício a arquitetura rítmica e os naipes sonoros, na proporção em que promovem “diálogos” entre vocábulos, verso e estrofes. Anotados os dois fatores, o olhar se direciona para as perspectivas “significância” e “temática”. E o discurso se entrega ao nosso convencimento ou não convencimento.

Para tanto, aguçamos olhares na “literariedade” dos textos, cujos níveis são dados pelos elementos estéticos que revestem o pensamento, servindo-lhe de moldura. Atenção: muitas vezes as molduras têm finalidade que não vai além de ornamental. Por isso, prevenimo-nos “defensivamente contra as hipertrofias do meio [forma] que sufoca o fim [conceito]”⁶⁷, conforme recomenda Pietro Ubaldi, para quem “a grandeza da arte deve ser proporcional à potência do pensamento”. O progresso da arte, ainda segundo Pietro Ubaldi, “reside em manifestar, com evidência cada vez mais límpida e com maior profundidade, a beleza do pensamento divino da Lei que governa o universo”.⁶⁸ Esclarecemos que o filósofo italiano está se referindo a todos os principais campos artísticos: arquitetura, escultura, música, pintura, coreografia ou cênicas e, evidentemente, literatura.

⁶⁵ MOISÉS, 1989, p. 26.

⁶⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 52.

⁶⁷ UBALDI, Pietro. *Princípios de uma Nova Ética*. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987. p. 478.

⁶⁸ UBALDI, 1987, p. 479.

3.1.2 Densidade & Universalidade

Dado o fato de o discurso poético compartilhar espaços com o discurso prosaico, na intimidade da literatura, assinalamos o mais básico da diferenciação de um para com o outro. Eis: (a) a linguagem prosaica exige repertório de palavras bem mais extenso; permite maior exposição factual; é carregada de maior precisão descritiva; é mais permissiva às palavras supérfluas; (b) a linguagem poética é densa; é desimpregnada de significados diretos; é desapegada de descritivismos; tem adjetivações menos supérfluas e mais reveladoras. Assim, continuamos a caminho de uma adaptação conceitual que também contemple, como dimensão interpretativa, “coerência”, “experiência” e “vivência”.

Quanto à “vivência” e à “experiência” contabilizadas para a compreensão da temática, não se despreze a pouca propensão do discurso poético para alcançar grandes massas. Apenas uma pequena parcela da sociedade se emociona diante dessa forma de arte. Por outro lado, entenda-se que o gosto pessoal, assim como o conhecimento gerado de intercâmbio com esses pequenos públicos devem ser usufruídos como dado de análise. Quanto à “coerência”, lembremo-nos que o escritor-poeta atua na formação de consciências. Suas palavras hão de ser tal a germen que se potencializam via diversos, e adversos, segmentos de público. Talvez por estar a um passo da espiritualidade, a poesia exija mergulho reflexivo. Destarte, o criador e a criatura devessem se dar a algumas recomendações de José Saramago:

O escritor deve voltar-se para a realidade. O escritor não pode ser indiferente ou alheio, ao que se passa à sua volta. Ele tem que ser testemunha do seu tempo, porque é conviva do que se passa no mundo. Há por isso uma maneira de ser escritor [e poeta]. Essa maneira é criada pela relação do indivíduo, o cidadão, com a realidade representada pela escrita. As pessoas escrevem para o dia em que estão [...] em condições concretas e querem publicar nessas condições concretas.⁶⁹

Assim, complementa-se o conteúdo constante do quadro paramétrico, uma das âncoras na metodologia de análise do discurso, implícito nos textos selecionados para investigação. Trata-se de um essencial capturado das leituras que fundamentam cada capítulo. Não obstante, reconhecemos ser quase inesgotável o que pode ser dito

⁶⁹ SARAMAGO apud FERREIRA, 2005. Citado em artigo de João Ferreira, que embasou palestra proferida ao grupo literário “Academia Taguatinguense de Letras”, em junho de 2009.

sobre uma palavra tão antiga quanto a própria civilização. Relembramos que “poética” vem do termo grego *poiesis*, e traz o sentido original de “criação, ação, confecção, fabricação. Depois, terminou por significar arte da poesia e faculdade poética”⁷⁰; e passou a ser entendida também como teoria da versificação (arte de fazer versos). Mas sem perder fidelidade a sua genética.

Quadro 4: Parâmetros para uma análise discursivo-poética

| EPÍTETOS PARAMÉTRICOS* |
|--|
| Epítetos 1: (a) <i>Lirismo = a harmonia do verso; a ternura da paixão; o brilho da espirituosidade + (b) Graça = criação espirituosa + composição simpática + construção atrativa; + (c) Beleza = encanta e se concilia com o sublime + agrada sem um juízo determinante de intelecto + agrada por si mesmo com um juízo de reflexão; (d) Verdade = Conhecimento que liberta.</i> |
| Epítetos 2: <i>poético = o que é inteligível ; o que é evidente, o que é provável; o que é verdadeiro; o que revela terna simpatia; o que revela boa vontade; o que revela boa índole; o que revela afeição natural; e seus equivalentes + ações de fraternidade; ações de justiça social e solidariedade; ações de sustentabilidade planetária; e seus equivalentes.</i> |
| Epítetos 3: <i>Linguagem = densa, desimpregnada de significados diretos, desapegada de descritivismos + adjetivações menos supérfluas e mais reveladoras; + arquitetura rítmica; naipes sonoros + coerência; experiência; e vivências.</i> |

(*): os sinais (=) e (+) mantêm o significado matemático convencional: “igual” e “mais”, respectivamente.

Ressaltamos que a mesma cautela e o mesmo cuidado e zelo para com a criação do quadro “parâmetros para uma análise discursivo-ética”⁷¹ foram adotados para com este, acima, voltado para a poética. Foram condensadas importantes propriedades relativas às estruturas textuais. O que resultou sobre a disciplina foi uma adaptação conceitual que intenta ajustar universalidade ao método de análise adotado. Porém, o ápice do critério está no fazer-com-que se explicitem valores regentes da conduta e do agir humano, implícitos na poética candanga. Insistimos nesse mote, afirmado e reafirmado durante todo o périplo investigativo.

3.2 Brasília: sob o signo da *poiesis*?

Queríamos, sem omissões, chegar a versos denotativos de valores calcados em princípios éticos, independentemente da multiplicidade de abordagem, estilo e sociologia dos autores que compõem o universo observado. Para a finalidade,

⁷⁰ CORTELLA, Mario Sergio Cortella, TAILLE, Yves de La. *Nos Labirintos da Moral*. Campinas: Papyrus, 2009. p. 21.

⁷¹ Vide quadro 3, p. 38.

selecionamos um acervo de suficiente representatividade, capaz de atender aos propósitos da pesquisa. O período de abrangência começa em 1956. Foi quando os candangos começaram a chegar ao planalto central, para se ocupar da construção da nova capital, carregados de influente bagagem imaterial, formatada em tradições e práticas de vida muito próprias. Avançamos até 2012, quando a cidade já supera em dois anos o primeiro cinquentenário – foi inaugurada em 21 de abril de 1960.

Da leitura de uma resenha, guardamos que “ninguém sabe a que serve a poesia, mas sem ela o mundo ficaria vazio”. É inegável o contributo que esse gênero literário tem dado ou pode dar à sociedade, no enfrentamento de suas crises. O fato permeia toda a história da humanidade, e nos recomenda admitir que a “poética candanga” precede à criação do Distrito Federal. O polígono apropriado pertencera a herdeiros de um histórico cultural riquíssimo. Generosos registros ainda sobrevivem apenas na oralidade, no seio de comunidades inflexíveis aos novos tempos. Porém, muitas daquelas tradições já se encontram preservadas em outros diferentes escaninhos. Os lamentos ficam por conta de evasões que não resistiram aos descuidos de sucessivas gerações.

Louvável que pesquisadores, historiadores e estudiosos tenham garimpado, também, um acervo *cult* da região. Esse tesouro pode ser conferido em museus, bibliotecas, espaços públicos, ou manifestações populares vigentes.⁷² No conjunto de registros se têm mostrado uma substancial poética, que pode ser dita “aborígine” – especialmente, cantada, ritualizada, em dialético linguajar regional, vide os grupos de catireiros e assemelhados. Talvez, aí se encontre razões para a existência da frase “Brasília nasceu sob o signo da poesia”, cunhada pelo poeta Anderson Braga Horta. Se em pleno limiar do século XXI ainda há quem declare não saber a que ela serve, tornar-se-ia lícito perguntar: De onde vens e para onde vais, ó poesia?

Diríamos que escrever é sonhar “identidade” pela “diversidade” cultural que une países, regiões, cidades, aldeias e pessoas. Por essas e outras, consideremos que a poesia investe-se de uma temporalidade imune a mensurações. "No planeta

⁷² Muitas cidades, vilas e povoados que já existiam no Planalto Central, antes da fundação de Brasília, mantêm seus eventos tradicionais, alguns com *status* de atração turística. Como exemplo, a festa do Divino, nas cidades de Planaltina e Brazlândia, no Distrito Federal, e as Cavalhadas, na vizinha Pirenópolis, em Goiás.

Terra, em que parte da sociedade o considera global, não existem fronteiras para a linguagem poética, esteja ela em formato escrito ou oral. ‘Minha aldeia é todo o mundo’, conforme defende o poeta português Gedeão”.⁷³ Assim, parte da resposta está dada: a poesia vai, e irá, a todos os além-fronteiras. Quanto ao “de onde ela vem”, basta-nos acrescentar que o vocábulo grego *poiesis*, que gerou “poesia”, traz consigo o estigma de ser a obra do construto, na qual o próprio criador se vê, enquanto tal. A esta caminhada, mais uma vez, damos ilustração trazida de Mario Sergio Cortella.

A minha criação [*poiesis*], na qual crio a mim mesmo na medida em que crio no mundo. Vejo o meu filho como minha obra, vejo um jardim como minha obra. Tenho de ver o projeto que faço como minha obra. Do contrário, ocorre o que Marx chamou de alienação: todas as vezes que eu olho o que fiz como não sendo eu ou não me pertencendo, eu me alieno. Fico alheio. Portanto, eu não tenho reconhecimento. Esse é um dos traumas mais fortes que se tem.⁷⁴

A professora de literatura, Aglaêda Facó, ocupou-se com a profundidade do texto, dizendo que ele, enquanto objeto estético, sempre há de oferecer alguma resistência ao entendimento. A essa resistência é dado o nome de “nível de literariedade”, cujos principais níveis são três: primeiridade, secundidade e terceiridade⁷⁵. O texto (obra) de primeiridade é considerado raso (de pouca profundidade), de mais fácil assimilação. Textos cujos elementos estéticos (linguagem, formato, imagética etc.) o remetem aos níveis seguintes, mais profundos, exigem maior capacidade interpretativa, e de decodificação do vocabulário. Significa que em terceiridade estão os textos mais reflexivos, revelador de novidades a cada releitura. São obras inesgotáveis, de vida mais longa, ou perene.⁷⁶

Aglaêda Facó bebe na fonte de Charles Sanders Pierce, pensador do modelo triádico que viabilizou a classificação das formas universais em formas sígnicas. O modelo, ou teoria da representação fenomenológica das formas universais, traduz a vida para uma compreensão bem aproximada do cotidiano da literatura. Segundo o

⁷³ FERREIRA, 2005.

⁷⁴ CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 21.

⁷⁵ FACÓ, Aglaêda. *Cadernos de Literatura - da modernidade à pós-modernidade*. Brasília: UnB, 1995. p. 15.

⁷⁶ Dizia Aglaêda Facó, anos atrás, já ter produzido 14 ensaios – diferentes perspectivas – sobre o livro *Grande Sertão Veredas*, de João Guimarães Rosa, um exemplo de obra com terceiridade, e riqueza literária, abundantemente, perene.

pensador norte-americano, a compreensão dos objetos que nos cercam depende de transformação desses objetos em signos, algo que se opera na consciência. Significados armazenados na mente permitem-nos fazer comparações do objeto observado com o que já existe mentalmente acumulado. E assim produz-se o conhecimento acerca daquele objeto observado.⁷⁷

O modelo que influencia Aglaêda Facó pode assim ser demonstrado: ao ouvir-se a palavra “fruta”, ela é associada ao objeto fruta, o que é suficiente para saciar o entendimento, em nível de “primeiridade”. Ao ouvir-se a palavra “fruta” associada a um termo designativo de sabor ou odor, ela instiga a se pensar em qualquer fruta saborosa e exalante. Esse é um nível de “secundidade”. Agora, se alguém se refere a uma pessoa dizendo que tem faces de fruta, isso instiga a que se façam várias associações, mentalmente. Submergimos para um nível de “terceiridade”, pois a palavra “fruta”, agora, não representa o objeto que se conhece como fruta. Apenas se oferece a uma função comparativa. Para guisa de ilustração, vamos, mais uma vez, ao que diz Ferreira:

Com o poeta trabalham as principais forças do espírito [...] a sensibilidade, a emoção, a memória, o inconsciente, a intuição, a imaginação criadora. [...] Todo este esforço tem a voz da história humana, da ascensão do homem na história como expressão de sensibilidade e visão de mundo. A Poesia contribuiu para dar a conhecer os altos momentos da aventura do homem sobre a terra. Para vermos isto por dentro, basta fazer um roteiro de uma viagem pelo interior da poesia. [...] é possível ver como a poesia desempenhou um papel especial na construção da dinâmica histórica que constitui as linhas de base do destino humano no mundo.⁷⁸

Postas essas características, entre outras, que a linguagem escrita pode assumir, merecedora de especial atenção, mantém-se a arte da composição do texto poético. Ou seja, o lirismo e seus equivalentes continuam como um dos capítulos máximos do ofício do escritor, e dá indicativos de que continuará sendo, indefinidamente. Quem viver verá!

⁷⁷ FACÓ, 1999, p. 17.

⁷⁸ FERREIRA, 2005.

3.3 A construção de um (novo) sistema literário

Ao reafirmarmos convicção quanto ao estudo da “poética candanga”, indispensável se faz visitar suas manifestações e registros essenciais, naquilo em que refletem sentimentos, emoções e expectativas. Na armadura de uma história de pouco mais de cinquenta anos, estamos cientes de que investigamos um gênero literário mergulhado de múltipla estilística. Por aí, adentramos no percurso e nos arquivos dessa poética, buscando dela extrair algo relevante, enquanto testemunho social, influenciador comportamental e exercício de função utilitária. O curso investigativo se põe acima da tematologia abraçada pelos autores. Todo respeito se tem pela liberdade criativa, à qual poderíamos propor fosse classificada – Por que não? – trimilenista.⁷⁹ Antes, precisamos enxergar essa produção dentro de um contexto sistêmico de literatura.

Vivemos o milênio da comunicação. Para alguns, estamos na era em que o mundo já constituiria uma autêntica "aldeia global", habitada por tribos planetárias, viabilizadas pelas cada-vez-mais-novas tecnologias da informação e da comunicação. Para outros, a sobrecarga tecnológica não se vem traduzindo, necessariamente, em maior aproximação e solidariedade entre os homens. Ao contrário, vem-se conduzindo, primeiramente, para novas formas de individualismo e etnocentrismo. "Comunicar" significa, etimologicamente, "pôr em comum". Portanto, no processo comunicativo entendido como troca de mensagem entre um emissor e um receptor, os signos desempenham papel fundamental. Sem signos, ausenta-se a mensagem, nada se pode pôr em comum.

Quanto ao signo lírico, basta-nos requerer que ele se torne capaz de responder a tendências do nosso espírito e da nossa inteligência? Sabe-se que, da poesia, são possíveis definições reais e nominais, literárias e etimológicas. Não obstante, há quem diga que toda definição gera limitação e que, por isso, não se deve defini-la. David Hume auxilia, também, nessa compreensão, ao argumentar que “as proposições da geometria podem ser provadas, os sistemas da física podem ser

⁷⁹ “E nós, sem rima, sem rota, sem rótulo, / sem trem, somos Poetas Trimilenistas? // [...] Tupã-Tupi, Jaci! Nação-Nagô, Ilê, alô! / Com as semióticas dos linguajares, ide e / pregai as verdades, a qualquer criatura, / quinhentos anos depois. // Ó, Literatura!”. SAMBAÍBA, Ildefonso de. Olação aos poetas trimilenistas. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 103.

debatidos, mas a harmonia do verso, a ternura da paixão, o brilho da espirosidade devem dar um prazer imediato”.⁸⁰ Entretanto, aqui, precisamos ver a poesia em quadrado próprio, onde possa ser apalpada mais objetivamente, para que se perceba sua fluência e atuação nas consciências.

Precisamente, falamos de “sistema”, palavra originária do grego *systema*⁸¹ e que significa conjunto de elementos interconectados, de modo a formar um todo organizado, permitindo-se também o sentido de combinar, ajustar e formar novos conjuntos ou subconjuntos. A definição é apropriada a várias atividades e situações do cotidiano. Especialmente na área da administração e da informática, talvez pela maior frequência nas práticas da vida, é mais comum ouvir-se: “sistema administrativo”, “sistema informatizado”, “sistema organizacional”, por exemplo. Decerto, um sistema carrega finalidades a serem desempenhadas, enquanto componente maior de partes integradas e elementos inter-relacionados, de órgãos funcionais.

No que se refere à Literatura, para Antônio Cândido, esta também há de constar de um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns”, constituído de elementos “internos” e “externos”.⁸² Os primeiros concorrem para articular a obra em si: língua, temas e imagens, partilhados. Os segundos concorrem na articulação entre as obras: conjunto de produtores; conjunto de receptores; mecanismo transmissor, que é “de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos”. A esses elementos, acrescenta-se a “continuidade literária”. A configuração vem do século XVIII, e “sem essa tradição não há literatura, como fenômeno de civilização”.⁸³ Aquelas obras produzidas isoladamente não seriam literatura, propriamente dita, mas “manifestações literárias”.

Face à metáfora do sonho de Dom Bosco, à utopia do discurso de Juscelino Kubitscheck, à esperança dos candangos, muitos estudiosos atribuem a Brasília a denominação de “Capital do Terceiro Milênio”, o que a identificaria como espaço

⁸⁰ HUME, 2004, p. 227.

⁸¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 1309.

⁸² CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Vol. 1. São Paulo: Martins, 1961. p. 25.

⁸³ CÂNDIDO, 1961, p. 26.

interdisciplinar das mais diversas correntes de pensamento. Nesse alinhavo segmentam-se instituições que abrigam escritores e poetas. Atualmente, há mais de uma dezena dessas agremiações⁸⁴, instaladas por toda a geografia do Distrito Federal. Destacamos o Sindicato dos Escritores do Distrito Federal (SEDF) e a Associação Nacional de Escritores (ANE), que somam mais de mil afiliados. Na intimidade desses organismos circula portentosa produção, usufruída via bibliotecas, livrarias, sebos e eventos, integrados a uma efervescente cena cultural.

Salutar que diferentes gôndolas, espaços e institutos guardem uma poética clamante, movida, sobretudo, pelo culto à paz, à harmonia e integração do ser racional com a natureza, aos anseios de justiça social e valores humanistas. Numa perspectiva quase teológica, aí parece revelar-se a alma sincrética da Capital Federal. Estaríamos, já, diante de uma configuração sistêmica delineada? Por um lado, diríamos sim; por outro, não. Concorrem para o paradoxo as possibilidades de ampliação de um organismo ainda, positivamente, titubeante. Como prova, citemos a proliferação dos chamados “clubes literários”, modalidade que, também, une escritores, editores, leitores, comentadores.

Exibindo significativa visibilidade, tanto na mídia quanto fora dela, tem-se notícia da existência de mais de 40 clubes literários espalhados por todo o Distrito Federal. Visando a um melhor entendimento quanto a esse vértice sistêmico, colhemos o depoimento do líder da agremiação “Bar do Escritor”, o editor, produtor cultural e escritor Giovani Iemini:

(1) O primeiro passo na montagem de um Clube de Leitura é [...] convidar pessoas conhecidas e deixar que elas convidem outras; delimitar o número de membros, um bom número é dez pessoas, para que todos possam expressar suas opiniões e participar das discussões; (2) escolher um dia para as reuniões, [...] um mês é suficiente para a leitura [da obra]; o lugar para as reuniões precisa ter um bom espaço disponível. [Quanto à escolha do livro], uma sugestão é fazer a seleção de acordo com temas ou autores. Cada integrante indica duas obras [para votação]. (3) O compromisso de realizar a leitura é imprescindível para que a discussão não fique esvaziada ou

⁸⁴ Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras e Artes do Planalto, Academia de Letras do Distrito Federal, Academia de Letras de Brasília, Academia de Letras e Música do Brasil, Academia de Letras de Ceilândia, Academia de Letras de Planaltina, Academia Taguatinguense de Letras, Academia de Trovadores do Distrito Federal, Casa do Poeta do Distrito Federal.

superficial. Alguns grupos gostam de convidar especialistas no autor ou no tema, para enriquecer [o encontro].⁸⁵

Esse gênero de agremiação, decerto, é trivial entre aqueles que cultuam o gosto pela leitura. Mas, no caso, o inusitado está na proliferação com que vêm influenciando nas lides locais. Parece-nos o palco mais democrático para intercambiar a poética vinda das academias (grupos literários), e a poética vinda da academia (universidades). Agora, sim, a pauta se abre para o surgimento de uma crítica especializada. Esta, que é imprescindível a qualquer sistema literário, até para livrá-lo do risco de hibernar, indefinidamente, na acefalia. Cabe à apreciação qualificada avaliar o que é esplendoroso e o que não é.

3.3.1 Antropofagias da lírica candanga

Ao abrir-se a janela para a manhã que desponta singela e morna, ver os primeiros raios de sol, indecisos entre o cobre e o ouro, ela deixa nossa mente extasiada e vulnerável a muitas elaborações. Destas podem saltar perguntas que vão dos afazeres cotidianos às delongas existenciais. Em assim sendo, aqui está uma de tantas possíveis: Por que os raios solares, no início do dia, só iluminam os ramos mais baixos das árvores mais altas? A resposta é óbvia: em função de a perspectiva de-baixo-para-cima ser a que melhor se oferece ao astro-rei, nos primeiros segundos matutinos, assim como nos últimos vespertinos. Por sua vez, os ramos de cima são favorecidos quando o sol está a pino, ao meio dia. À luz do recado, não vamos agir como Ñanderu-Arandu, que subiu ao galho mais elevado, para ver a face de Ñanderuvusu, conforme a teologia do poema indígena “O Ser Humano Primeiro”. Afinal, não estamos a buscar faces onipotentes.

Montamos nossa tenda em alturas mais telúricas: no vazio dos espaços sugeridos por Roberto Burle Marx, na Brasília que alguns críticos insistem em classificar de “ilha da fantasia”. Desse observatório, procuramos divisar um rosto que nos parece meio informe, ainda. Busca-se identificar aspectos reveladores da lírica candanga, naquilo que se acredita ter ela de oculto. Estamos à caça de belezas, ou

⁸⁵ IEMINI, Giovanni Clubes de leitura ganham espaço entre os brasilienses; internet é aliada. Reportagem assinada por Nahima Maciel. Brasília, 2012. Brasília, *Correio Braziliense*, caderno Diversão & Arte, p. 1, 2 set. 2012.

fealdades, porventura confrontáveis nas composições dos poetas planaltinos. Focamos nossa lupa descritiva sobre versos que, *a priori*, suporíamos pouco atentos a inquietudes pulsantes. Tal averiguação é guiada por uma pergunta sacada de entre tantas possíveis: Qual o contributo da poética candanga na formação de consciências e valores éticos?

Desta e de outras incomodantes urticárias, falava-nos a imaginação, durante várias madrugadas, enquanto buscávamos razões que domassem o questionamento. E se oferecia, assim, um caminho investigativo cuja metodologia outra não é senão a observância de cenas da realidade mais próxima. Desse particular ângulo de mira, anotamos dinâmicas da atuação humana, aqui representadas em três situações, que designamos “fotogramas do não-cotidiano”.

Primeiro fotograma: é setembro de 2010, ano do cinquentenário da Capital Federal. Realiza-se, com alarde, a “primeira [e até agora única] Bienal de Poesia de Brasília”. Os idealizadores do acontecimento editam um acervo de micro-antologias, cada uma sobre a obra de um autor diferente. O projeto tem denominação múltipla: Biblioteca do Cidadão; Série Escritores Brasileiros; Livro na Rua. Do agregado de um daqueles autores, Nicolas Behr, selecionamos – do texto intitulado “Poeta Marginal? Eu, Hein?” – algumas passagens, onde nos deparamos com um pote de sutis ironias, uma espécie de postura diante do que deve ou não ser relevante na lírica. O texto em seu formato discursivo já cria indagações. Trata-se de uma prosa poética ou de um vice-versa disso? Melhor conferir:

Não acredito que a poesia seja necessária. Não estou presente em todos os movimentos culturais da minha terra. Não tenho crônicas publicadas no República de Lisboa. Não canto a esperança. Não comecei a fazer poesia no exército. Não fui convidado para palestra em universidades. Não vejo poesia em tudo. Não sofri influência de Bilac. Não recebi menção honrosa no concurso de poesia Ferreira Gullar. Não exerço nenhuma atividade docente. Não sou a primeira mulher eleita para a academia acreana de letras. Não tenho poesias traduzidas para o francês. Não aprendi russo para ler Maiokowski. Não me responsabilizo pelos poemas que assino. Não considero Drummond o maior poeta da língua portuguesa. Não sei em que ano aconteceu a semana de 22. Minha poesia nunca veiculou nada. Não escrevi isto que vocês estão lendo.⁸⁶

⁸⁶ BEHR, Nicolas. *Micro-Antologia*. Série Escritores Brasileiros. Brasília: Thesaurus, 2010. p. 3.

Segundo fotograma: é novembro de 2011, coincidente sexta-feira-treze, noite de cumprir o convite postado por um denominado “Grupo de Poesia Antropofágica”. Ressabiado, chego ao local marcado de encontrar; ali já estão duas pessoas. Surpresa! Uma delas é velha amiga e doutoranda em Teoria Literária. A outra pessoa é seu terceiro ex-marido, um jornalista que mal responde ao meu boa-noite. Está concentrado nas últimas páginas de um livro intitulado “Caderno de poesias – Amor [incondicional?]”, no qual um dos textos consta de versos escritos por alguém que assina Daniel Lellis Siqueira: “Estou do avesso, músculos contrários e órgãos expostos. [...] Olhe, aqui, meu coração ainda em labuta. [...] Vejo-me por dentro, não sou como você descreveu. [...] As chagas resultaram das deselegâncias”.⁸⁷ Nisso, chegam mais cinco pessoas, e as atividades do dia, ou da noite, são determinadas: ir à W-3 Sul, ler, anotar e discutir a ação “Poesia na Calçada”, que, como o próprio nome sugere, cola versos no chão, ao longo da avenida.

Terceiro fotograma: é maio de 2012, quinze horas de um domingo qualquer. Aproveitando-se do polido piso de um recanto da rodoviária central, um grupo de jovens ensaia performances da dança de rua hip-hop. Ao seu redor, forma-se uma plateia de curiosos que se divertem com aqueles requebros e pontas-cabeças, dirigidos por um instrutor, de cabelo vermelho. Aproxima-se um segundo grupo de jovens que distribuem papelotes com mensagens bíblicas. Indago-me: Os segundos jovens terão coragem de interromper o ensaio-treino dos primeiros, para lhes oferecerem a mídia religiosa? Não, silentes, eles aguardam. Juntam-se à plateia, dando uma de apreciadores, mas, na primeira oportunidade, vão até o instrutor, de cabelo vermelho. Dialogam sobre o comportamental juvenil: a dança como ação educativa; o esporte como agente dos desafios; a fé como *efe* da felicidade. Quanto ao papelote, lia-se (I Co 13.1-2, 3-6):

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, se não tivesse amor, nada seria. O amor não é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se faz

⁸⁷ SIQUEIRA, Daniel Lellis. *Caderno de poesias – Amor*, Brasília: Edição do autor, 2012. p. 22.

inconveniente, não busca os próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas com a verdade.⁸⁸

É factual que a lírica tem expressiva presença no cotidiano dos brasileiros. Destarte, investigamos o que os poetas candangos têm produzido com vista à prática e defesa de comportamentos humanísticos. O foco está nos temas contributivos com os assuntos da ética. Estamos cientes de que em campo neutro não pode haver ressentimento, a temática há de ser conduzida à luz das evidências, dos atos e fatos.

3.3.2 “A cada um segundo as suas obras”

Na sentença em que Jesus diz “a cada um segundo as suas obras” (Mt 16.27) vemos sintetizadas todas as leis que regem as questões ético-morais. A instância é divina e, portanto, determinante. Talvez nela o padre Antônio Vieira se tenha apegado, ao declarar: “para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras; palavras sem obras são tiros sem bala: troam, mas não ferem”.⁸⁹ Comungando com essas verdades, esperamos que os poetas candangos não se tenham dispersado das observâncias, nos momentos em que a inspiração lhes fustigou a verve criativa. Vinde a nós seus atos formadores de consciências, para que se avance além do nível do deleite. É agradável chegar a este, porém, melhor ainda é ir ao nível da reflexão.

Agora, vamos para o frente-a-frente com autores e sua produção respectiva, recortada para universo de análise. Continuamos na trilha dos conteúdos que respondam à questão principal: Naquilo que significa defesa de princípios éticos, o que a poética candanga apresenta em prol do sonho de Dom Bosco, da utopia de Juscelino Kubitscheck e da esperança dos candangos? Já vimos que o dulcífero “leite e mel” sinaliza ter dado vez a um insípido chá sem zero cal. O desenho da construção monumental, Brasília, parece ainda estar por consolidar-se. É de se imaginar que o catálogo literário pautado reserve espaço ao assunto, numa dimensão de reerguimento, reparo e revitalização de ideais.

⁸⁸ Vide também quadro 2, depoimento de Renato Russo, p. 24.

⁸⁹ SILVA, Paulo Neves da. *Citações e pensamentos de Padre Antônio Vieira*. 2. ed. Alfragide: Casa da Letras, 2007. p. 122.

Esclarecemos que a palavra “obra” não se restringe, aqui, apenas ao sentido de produção literária. Assume, também, o significado de ação benfazeja, atitude solidária, estar ao lado da “vítima”. A imersão investigativa culmina, agora, na busca de signos implícitos nos textos. Faz-se uma espécie de autópsia que fragmenta a arquitetura das composições, para que elas nos sirvam a intimidade de seus conteúdos. A menor partícula focada é a “palavra”, isoladamente, de início. Esse primeiro passo funciona tal a um impulso que remete a conexões sequentes, com o verso, a estrofe e o poema, até o conjunto das obras, como já ressaltamos. O procedimento mostra-se bastante favorável à interpretação de cada peça observada.

O tempo todo, apoiamo-nos em o quadro 3 (Parâmetros para uma Análise Discursivo-Ética) e no quadro 4 (Parâmetros para uma Análise Discursivo-Poética), construídos para subsídio interpretativo. A fórmula nos ajuda a penetrar na retórica visceral dos inspirados, cuja licença lhes permite experimentações verbais e inventividades linguísticas. E assim dotar seu discurso de densidade, às vezes, muito resistente à compreensão dos menos atentos, se não quisermos dizer dos “não iniciados”. Nos referidos quadros, delimitamos os significados e o lirismo que servem de referencial para os conteúdos analisados. Por conseguinte, as comparações textuais – de palavras, versos, estrofes, poemas – com os significados distinguidos nos respectivos quadros paramétricos, deram-nos condições de classificá-los como:

Poética Deleitante-Sentimental: aquela que propõe arroubo atrativo pela beleza; sensação de bem estar, agrado, admiração, afabilidade, gozo, prazer, encantamento; trata de atos de afeição, capacidade de se emocionar e sensibilizar, entusiasmo, pesar, tristeza, mágoa, desgosto, pressentimento; sentimentos entre pessoas e seus equivalentes. Vide amostra:

Gastei tudo quanto tinha / de amoroso gesto / e quando devia falar-te, disse apenas: boa noite. // Não digas nada. Vem a mim / como haste ao encontro da fruta.⁹⁰

Mesmo assim eu levanto os braços, súplice, / no ardor febril de uma oração retórica, / e invoco a Deus, e invoco a Ciência eufórica, / com fé nos dois, um sentimento dúplice!⁹¹

⁹⁰ PELOSO, Lina Del. *Boa Noite*. In: Poetas de Brasília. Brasília: Dom Bosco, 1962. p. 75.

⁹¹ AZUL, Henriques do Cerro. *Viagem da Fé*. In: SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO

Enamorar no dia-a-dia: / Noite e dia namorar... / No multiverso do desejo: /
Conjugar o verbo amar. / Transmutar-se em alchemia: / Num beijo
seternizar...⁹²

Hoje cedo, bem cedinho, / deixou a vida um passarinho, / João-de-Barro
consternado / bateu asas sem destino / pois seu filho pequenino / um infante
João menino / [...] / de fome morreu no ninho.⁹³

Seja em prosa ou verso, / É de Deus uma cantiga. / Não há poesia antiga /
Nem poesia moderna, / Embelezam nossa vida. / Chama sagrada, eterna.⁹⁴

Amei com o corpo todo / meu cavaleiro andante, errante. / Amei com a alma
inteira / o secreto e o público / por trás do sorriso. / Amei com o espírito infinito
/ o dia e a noite, o feio e o bonito.⁹⁵

Poética Onírico-Existencial: aquela que questiona as razões e o sentido da vida; as sensações, as orientações e confusões da humanidade; a concretude e as absurdidades do mundo; e seus equivalentes. Vide amostra:

Marionetes, que invisível mão / nos conduz ou deixou de conduzir? / Quem
num gesto de enfado nos largou, // sem nexos, deslembados dos papéis? //
Cansados, reconstruímos nosso erro. / Havemos de dormir em que regaço?⁹⁶

Onde estava Deus na hora da fome e da desgraça / de seus mais devotos
seguidores? / Que rogam e se açoitam em Seu Nome / e mitigam, com
resignação, suas dores? / A natureza que preside é infensa ao bem e ao mal,
/ e o universo em que reside não é clemente nem tem crença.⁹⁷

– a Como me calar, / se desconfio que a vida é má? / e se desconfio até da
coragem, / como companheira de viagem? [...] se seu passado passou / por
onde andou seu coração (?) / – Seja dia de sol ou de chuva, / a única certeza
que fica / é a das minhas dúvidas.⁹⁸

-
- FEDERAL (Org.). *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009. p. 70.
- ⁹² DOURADO, Gustavo. Amora. In: SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL (Org.). *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009. p. 66.
- ⁹³ ARAÚJO, Lurdiana. Savana Apaixonada. In: SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL (Org.). *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009. p. 111.
- ⁹⁴ AMARAL, Adison do. Trova. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 14.
- ⁹⁵ SIMAS, Gacy. Jornada. In: ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006. p. 50.
- ⁹⁶ HORTA, Anderson Braga. *Soneto*. In: Poetas de Brasília. Brasília: Dom Bosco, 1962. p. 23.
- ⁹⁷ MIRANDA, Antônio. Onde estava Deus. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 49.
- ⁹⁸ PIRES, Ézio. Confissões. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 92.

O fruto do Paraíso dói ainda / nas entranhas de avoengos e crédulos, / nos vetustos sermonários, / nas fernetas dos hinários.⁹⁹

Quero fazer do meu poema um bálsamo / em vez de um canto de agonia. / Mesmo que as rimas não concordem, / porei todo o canto na poesia. / Farei assim o meu poema / com razões que eu queria, / mesmo que as rimas não concordem, / darei novo mundo à poesia.¹⁰⁰

[...] Mas quem ouve os escritores, os editores e os livreiros deste nosso Planalto Central? Continuamos como serviços do “Sul Maravilha” e do “Sudeste Maravilha”.¹⁰¹

Poética Ético-Moral: aquela na qual, mais fielmente, ressoam os “parâmetros para uma análise discursivo-poética”, desdobrados em epítetos. Epítetos 1: obrigações do Estado, compaixão da sociedade, mão amiga do vizinho, normas universais que ultrapassem o caso particular, a utilidade do fato, o interesse pessoal; “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Art. 5º. Da Constituição Federal); “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo 8.32); “Vida em plenitude para todos” (Jo 10.10). Epítetos 2: a beneficência, a humanidade, a amizade, a gratidão, o espírito público, a preocupação com as espécies, o cuidado, a cooperação, a corresponsabilidade, a compaixão, a reverência.¹⁰² Epítetos 3: o que é honroso; o que é imparcial; o que é decente; o que é nobre; o que é generoso; o que é compassivo; o que é benfazejo; o que amistososo; o que é humano; o que é sociável; o que revela boa índole; o que comove o coração.¹⁰³ Vide amostra:

Dizem que tuas mãos são inclutas e pobres. / Sim! São feias, são gastas, / são despidas de ouro e de ilusão. / Mas são elas que, missionariamente, / dão ao solo a alegria de ser trigo / e dão ao trigo a glória de ser pão.¹⁰⁴

⁹⁹ OLIVEIRA, Joanyr de. Fruto do Paraíso. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 111.

¹⁰⁰ RODOPOULOS, Stella. O que há de vir. In: SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL (Org.). *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009. p. 149.

¹⁰¹ ALEGRIA, Victor. In: Nota de orelha. In: SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL (Org.). *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009. capa.

¹⁰² HUME, 2004, p. 210-230.

¹⁰³ HUME, 2004, p. 210-230.

¹⁰⁴ MEDEIROS, Seleneh de. *Poema para as Mãos Calosas*. In: Poetas de Brasília. Brasília: Dom Bosco, 1962. p. 96.

Andei, andei, resolvi / Passar também por Brasília / Pra visitar a cambada /
Que faz parte da família. / E lá no fim do asfalto / Cheguei a um prédio alto /
Que tem quase trinta andares. / Subi degrau por degrau, / De palmo em
palmo um lacrau, / Picando em meus calcanhares.¹⁰⁵

Uma visão está presente, / um clamor chama. / O espírito chora [...] / Têm o
espectro vivo da verdade. / A verdade chora quando / o povo chora de fome,
/ e morre sem nome... / Quando caminha até Brasília, / esse povo vive essa
morte.¹⁰⁶

Ó mães, que podeis rezar, / pranteai frente ao altar, / vosso pranto não secou!
/ E que as lágrimas vertidas / cicatrizem as feridas / que o mau exemplo
sangrou.¹⁰⁷

Os homens que elegemos / têm o que não temos: / honestidade a menos; /
hombridade a menos; / ética, nem falemos / porque não há dialética / na
barriga fossa-séptica / que come o que não comemos.¹⁰⁸

Se Cecília eu fosse / Meireleava a poesia / Ceciliava a prosa / Imprimiria
cores novas no arco-íris // Se Adélia eu fosse / Pradeava cidades / Adeliava
homens / Feminilizava brutos.¹⁰⁹

Ressaltamos que a classificação da poética, acima, prima por uma finalidade didática. Especialmente os dois primeiros subitens, “poética deleitante-sentimental” e “poética onírico-existencial”, foram construídos para caber os conteúdos que não se enquadram como “poética ético-moral”. Esse último subitem, sim, contém o discurso motivador da pesquisa. Separa os autores que, por meio da respectiva obra, falam a bem da Nova Canaã, Capital do Terceiro Milênio, berço de uma Nova Civilização, metaforizada nos ideais dos construtores da Capital Federal. O quadro a seguir contém dados que quantificam o resultado das análises.

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Donzílio de. Poema de Protesto. In: ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006. p. 33.

¹⁰⁶ MAGALHÃES, Popó. Bandeiras sobre Brasília. In: ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006. p. 115.

¹⁰⁷ ROSSI, Newton. Acordai. In: ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006. p. 103.

¹⁰⁸ SIMÕES, José Ferreira. Os Homens que Elegemos. In: ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006. p. 80.

¹⁰⁹ PORTOCALVO, Joilson. Poetassingular. In: MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 118.

Quadro 5: Estatística das análises

| Titulo da obra analisada | Quantidade de autores/ Verbetes | Textos analisados | Poética Deleitante-Sentimental | Poética Onírico-Existencial | Poética Ético-Moral |
|--|---------------------------------|-------------------|--------------------------------|-----------------------------|---------------------|
| <i>Dicionário de Escritores de Brasília*</i> | 1.285 | - | - | - | - |
| <i>Poetas de Brasília</i> | 17 | 50 | 26 | 17 | 7 |
| <i>Geografia Poética do DF</i> | 50 | 96 | 36 | 38 | 22 |
| <i>O Resgate da Palavra</i> | 35 | 91 | 47 | 38 | 6 |
| <i>Alarde Poético</i> | 24 | 61 | 0 | 7 | 54 |
| Total | 126 | 298 | 109 | 100 | 89 |
| Percentual¹¹⁰ | 10%** | 100% | 36% | 34% | 30% |

(*) Não entra no cálculo dos totais; apenas referencia o cálculo do percentual de autores;

(**) Em relação ao número de autores registrados no Dicionário de Escritores de Brasília.

Antes de darmos por conclusa esta pesquisa, consideramos de bom alvitre explicar porque são estas, do quadro, e não outras as obras analisadas. Existem fartos baús com acervos que historiam as bases culturais do Distrito Federal. Do meio de tantos guardados, como já o dissemos, preferimos as edições coletivas, por vermos nelas um substancioso recorte da produção literária visada. Mesmo assim, os baús continuaram abarrotados, tanto de antologias poéticas como prosaicas. Tivemos então que proceder a um segundo recorte, agora, dentro do universo das coletâneas poéticas.

O critério nos levou ao “Dicionário de Escritores de Brasília”,¹¹¹ o mais completo catálogo de verbetes sobre os literatos do Distrito Federal que encontramos. Ali estão registrados os autores que escreveram de, para e sobre Brasília, da fase pré-inaugural até os dias mais recentes. A 3ª edição do dicionário é datada de 2012, e exhibe verbete de todos os autores das obras selecionadas para pesquisa. Ou seja, demonstra que seguimos uma lógica maximamente ajustada aos objetivos do estudo. Evidentemente, alguns dos autores já partiram para a pátria espiritual, fato que em nada obsta o prestígio de sua produção literária.

Um daqueles é Joanyr de Oliveira, reconhecido não só como grande poeta-historiador, mas também como o organizador, entre outras, da primeira antologia poética publicada na atual Capital Federal: “Poetas de Brasília”. A obra

¹¹⁰ Os percentuais sofreram os seguintes arredondamentos: de 36,51 para 36%; de 33,59% para 34%; de 29,88% para 30%.

¹¹¹ VALADARES, Napoleão. *Dicionário de Escritores de Brasília*. 3ª. ed. Brasília: Thesaurus, 2012.

coletiva circulou em 1962¹¹², quando a cidade acabava de completar dois anos de fundação. Essa é uma das razões de o livro ter sido selecionado para averiguação. Inclusive, porque muitos dos textos nela publicados foram compostos no período pré-inaugural, o que nos possibilita uma perspectiva de comparação da poética daquela época com a poética dos dias mais recentes.

A outra obra coletiva, “Geografia Poética do Distrito Federal”, como o próprio nome sugere, foi organizada pelo também poeta-pesquisador Ronaldo Mousinho, com a finalidade de, em 2007, comemorar o cinquentenário de oficialização do demarcação do perímetro do Distrito Federal. A escritura fora assinada em 18 de fevereiro/1957, compreendendo 30.933.759 alqueires geométricos de terras.¹¹³ Em alusão à quantidade de anos, foram escolhidos, para constar da obra, 50 poetas, obedecendo a uma espécie de simetria que contempla todas as cidades-satélites. O critério exhibe uma das mais fieis panorâmicas do fazer poético regional, visto que abrange todo o cenário da investigação.

Quanto à coletânea “O Resgate da Palavra”, ela foi organizada pelo Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, cuja publicação se deu em 2009, também com finalidade comemorativa de outro cinquentenário.¹¹⁴ Agora, o de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960. O compêndio agrega 36 antologados e, curioso, alguns deles inserem em suas páginas textos em prosa, juntamente com a maioria de poemas. O ocorrido, de certa forma, justifica o termo “prosoética”, neologismo ainda usado com parcimônia, para designar o que seria, ou é, uma composição estruturada em formatação classificável como prosa-poética.

Completa o acervo pesquisado a antologia “Alarde Poético”, de 2006, organizada no âmbito do grupo literário Academia Taguatinguense de Letras. A obra aparece como raridade entre tantas do gênero, por ter sido editada, declaradamente,

¹¹² OLIVEIRA, Joanyr de (Org.). *Poetas de Brasília*. Brasília: Dom Bosco, 1962. p. 5. – Em prosa, o primeiro livro editado no Distrito Federal foi um monólogo, de Ruy Carneiro, intitulado *Bagana*. Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante): “Brasília Divulgadora de Imprensa, Propaganda e Editora Ltda.”, 1959. Conforme MOUSINHO, Ronaldo Alves. In: *Brasília: Gênese e Produção Literária* (pesquisa ainda inédita), p. 73. Consultada em: 20 fev. 2013.

¹¹³ MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 11.

¹¹⁴ SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL. *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009.

com a finalidade de protestar contra a “aguda crise de ética e de moralidade que, permeia setores políticos/governamentais do Brasil e seus agentes corruptores e corruptíveis”.¹¹⁵ Foi organizada com perfil de manifesto de literatos, inconformados com escândalos gerados na esfera do poder Legislativo, à época.

Segundo ainda o texto de apresentação do “Alarde Poético”, restava aos poetas “proclamar por meio da palavra escrita, poética, o nosso sentimento de revolta contra os [...] que nomearam seu Deus o dinheiro. E que seja a poesia instrumento de luta, sensibilização e reumanização”¹¹⁶. Esse fecho do último parágrafo prefacial se afina com reflexão teológica desenvolvida por Hugo Assmann, quanto ao desenfreado apego das pessoas ao castelo das finanças. Para Assmann, tudo funciona tal a cultuar deuses da tirania, em um mundo totalmente idólatra. E, acentua que “biblicamente, o conceito de ídolos e idolatria está diretamente vinculado à manipulação de símbolos [...] para legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano”¹¹⁷.

Acrescenta Assmann: “é nesse nível que aparece o discurso teológico sobre [...] os ídolos que matam, porque exigem sacrifícios”¹¹⁸. De nossa parte, jamais deixaríamos de concordar com o teólogo. Ousamos considerar-nos licenciados pelas formalidades acadêmicas para emitir essa (in)discreta opinião, e só então darmos por encerrado este terceiro capítulo dissertativo.

¹¹⁵ ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS, 2006, p. 5.

¹¹⁶ ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS, 2006, p. 5.

¹¹⁷ ASMANN, H; HINKELAMMERT, F. (Orgs.). *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989, p.11.

¹¹⁸ ASMANN; HINKELAMMERT (Orgs.). p.13.

CONCLUSÃO

E agora José? Perguntamo-nos, em alusão ao famoso poema de Carlos Drummond de Andrade. Procede a interrogação. Viajando em direções opostas, o ser humano acaba de chegar, neste ano de 2012, a dois pontos intermédios das infinitas grandezas: à Bóson de Higgs, partícula subatômica apelidada “Partícula de Deus”, e ao Planeta Marte, apelidado Planeta Vermelho. Não estamos aqui engendrando uma resposta, mas outra questão. Desconsiderando dimensões subatômicas ou galácticas, quando essa mesma humanidade chegará ao cerne do seu próprio coração? A resposta é incógnita, na medida em que acreditamos ser esta uma viagem não destinada a cientistas convencionais, mas a poetas ou àqueles que dedicam atenção às intimidades da alma.

Assim crendo, sem temor de nos darmos a utopias, afinal, “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13), montamos campana ao lado de o – ainda em construção – sistema literário do Distrito Federal. Missão: investigar como poetas candangos se vêm conduzindo em direção aos corações e mentes, tendo por instrumento de ação a *poiesis*, ora entendida como “fazer poético”, em sentido literal e literário, impregnado de “graça”, “beleza” e “verdade”. Pois acreditamos, também e mais uma vez, que “conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo 8.32). De forma tal e tanta, que as belas letras desses poetas hão de revelar contributos à prevalência de uma “vida em plenitude para todos” (Jo 10.10). Assim, construímos nosso voto de confiança.

Do posto de observação, a pesquisa, fomos nos deixando surpreender, como quem vai andando pelas esplanadas, ou pelos eixos que formatam a arquitetura de uma “capital da esperança”. Imaginávamos encontrar determinada realidade, mas cientes de que poderíamos nos deparar com outra, tanto quanto ou mais instigante. E foi o que nos aconteceu, enquanto andantes das entrequadras do Plano Piloto, das praças das cidades-satélites e das esquinas da região do entorno do Distrito Federal. Esperávamos que saltasse aos nossos olhos uma poesia acomodada nos códigos linguísticos, presa às páginas dos livros; mas fomos espantados pelo grito de uma lírica vívida, pulsante por toda a geografia pública ou privada do universo investigado, tanto quanto das circunvizinhas.

A configuração que nos proporcionou a panorâmica de atuação dos poetas pode ser resumida em cinco quadros, que montamos ao longo do estudo, conforme, a seguir, explicados:

Quadro 1: *Parâmetros para uma compreensão sentimentalista*, consta do depoimento de migrantes pioneiros da construção de Brasília. Ali pode ser captado o espírito-esperançoso que moveu o erguimento da cidade, ou seja, as expectativas que os acompanhavam até os canteiros de obra, um cabedal de sentimentos que superava a própria força de trabalho.

Quadro 2: *Parâmetros para uma compreensão realista*, consta de depoimento de candangos não pioneiros, migrantes ou nascidos em Brasília, após sua inauguração. Ali pode ser captado o senso-comum que se tem firmado, à luz de uma realidade calcada em fatos que têm atingido diferentes segmentos da sociedade.

Quadro 3: *Parâmetros para uma análise discursivo-ética*, agrega “epítetos” selecionados e organizados para uso comparativo com o conteúdo dos textos submetidos a análise, e assim poder-se dizer se aqueles conteúdos contêm uma temática classificável como “ético-moral” ou não.

Quadro 4: *Parâmetros para uma análise discursivo-poética*, agrega “epítetos” selecionados e organizados para uso comparativo do conteúdo dos textos submetidos a análise, com signos implícitos no quadro, de forma a se compreender a lírica com mais objetividade, baseada em um referencial interpretativo.

Quadro 5: *Estatística das análises* é uma compilação de resultados que quantifica o número de obras, autores e textos analisados; detalhando percentuais para as temáticas sobre as quais se têm debruçado a poética dos literatos candangos, em conformidade com as características definidas pela pesquisa.

O quadro 5 é que nos permite ver, mais objetivamente, a ética sob a ótica da poética candanga, motivo desta dissertação de mestrado. O quadro mostra que 30% dos textos (poemas) analisados revelam uma abordagem “poética ético-moral”. E os outros 70% se enquadram em quais temáticas? Ora, precisávamos dar uma feição classificatória que acomodasse aqueles textos, com a melhor acessibilidade possível às compreensões. Então, autorizados pela base teórica que lastreou a pesquisa,

montamos outros dois grupos: “poética deleitante-sentimental”, na qual se identificam 36% dos textos, e “poética onírico-existencial”, onde cabem os outros 33% dos assuntos. Para chegar a esses índices, analisamos um total 298 poemas, produzidos por 126 autores.

Todo o acervo consta de quatro edições de obras coletivas: *Poetas de Brasília*, de 1962; *Geografia Poética do Distrito Federal*, de 2007; *Resgate da Palavra*, de 2009, e *Alarde Poético*, de 2006. Trata-se de antologias selecionadas, criteriosamente, de forma a atender aos objetivos da pesquisa, e cuja escolha se deu após consulta prévia de mais de duas dezenas de obras do gênero. Os títulos e os motivos editoriais, expressos em respectivos textos de prefácio, foram levados em conta para seleção das publicações, na medida em que favoreciam aos recortes de que precisávamos e à representatividade necessária ao nosso estudo.

Julgamos oportuno esclarecer o seguinte: o somatório de 126 autores averiguados representa cerca de 10% do total de 1.285 escritores-poetas com verbete no “Dicionário de Escritores de Brasília”, 3ª. edição, de 2012. Não obstante, podem existir outros autores fora desses números, em função das incipiências sistêmicas. Aqui entra uma grata surpresa: a vívida e pulsante poesia que identificamos no âmbito dos grupos “antropofágicos”, aqueles que exercem a poesia de forma alternativa; dos clubes de leitura, organizados em conformidade com a própria autodenominação; e a poética que vem da informalidade, da oralidade, originária do cancionero local, e até da difusão filosófico-religiosa e seus equivalentes.

O foco inicial deste estudo eram, apenas, textos publicados em livro. Porém, durante a pesquisa, foi-se descortinando um panorama lírico bastante diversificado. Demo-nos conta de que as páginas dos livros se tornaram pequenas para caber tanto. Mesmo assim, dispendemos o máximo esforço para nos atermos aos objetivos projetados. Assim, fica apenas no âmbito da citação essa outra lírica, inquieta, dinâmica e pronta para disseminar-se, conviva que é das mídias tecnológicas, inclusive. Esse seria assunto para outro contexto dissertativo, indubitavelmente, por se tratar de mais uma extensão do cenário cultural do Distrito Federal.

Entretanto, não podemos fugir da consciência de que não são os poetas que vão mudar o mundo. O que vai mudar o mundo é a sociedade organizada, inclusive

em instituições literárias. Destarte, se não podemos sair por aí vendo poesia em tudo, também não podemos abdicar de uma poética autônoma, como já se disse, para falar sobre todos os assuntos, ainda que incomodantes, sem perder o seu caráter lírico. Nesse sentido, é salutar que poetas candangos transpareçam uma poética de reflexão em 30% das suas composições. Esse índice retrata seu comprometimento com os nobres valores da ética e da moral, e exhibe uma poética possível de ser exercida em tempo integral.

REFERÊNCIAS

- 40 ANOS, Brasília. *Uma história que continua sendo escrita*. Brasília: Correio Braziliense, 2000.
- ACADEMIA TAGUATINGUENSE DE LETRAS. *Alarde Poético*. Brasília: Nova Mondo, 2006.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá, que Eu Canto cá*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- ASSMANN, H; HINKELAMMERT, F. (Orgs.). *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989,
- BEHR, Nicolas. *Micro-Antologia*. Série Escritores Brasileiros. Brasília: Thesaurus, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. (Obras Escolhidas, v. III). São Paulo: Brasiliense, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida (Trad.). 14^a. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2010.
- BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Fé, fanatismo e conflitos políticos no mundo atual*. Brasília, I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, 18 abr. 2012. Anotações feitas durante palestra proferida por Leonardo Boff, na I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, realizada no dia 18 de abril de 2012, no espaço Bienal – Auditório Nelson Rodrigues.
- BOSI, Alfredo. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006
- CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Assunção: Fundación León Cadogan-CEADUC-CEPAG, 1997[1959].
- CAITANO, Adriana. *Renda per capita do Distrito Federal é o dobro da média brasileira*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/renda-per-capita-do-distrito-federal-e-o-dobro-da-media-brasileira-20120119.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Vol. 1. São Paulo: Martins, 1961.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000
- CÂNDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006

CAZUZA. *Brasil*. Disponível: < <http://letras.mus.br/cazuza/7246/>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

CAZUZA. *O tempo não para*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/cazuza/45005/>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

CONAE 2010. *História de Brasília*. Fala de Juscelino Kubitschek no primeiro ato no local da futura capital do Brasil. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=330:historia-de-brasilia&catid=99:informacoes-sobre-brasilia>. Acesso em: 27 nov. 2012.

CORREIO BRAZILIENSE (ed.). *Brasília, 40 anos: uma história que continua sendo escrita*. Brasília: Editora Brasília, 2000.

CORTELLA, Mario Sergio, TAILLE, Yves de La. *Nos Labirintos da Moral*. Campinas: Papirus, 2009.

CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?* Petrópolis: Vozes, 2011.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. São Paulo: Record, 2001.

DIRETORIA DE BIBLIOTECAS. *Catálogo de Escritores Brasilienses*. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, 2001.

ESPÍRITOS, Engels. Os filhos de Brasília. Brasília, 2011. Entrevista concedida a Ivana Sant'anna. Revista *Vip Moda*, Brasília, 7 ed., p. 71, 17 abr. 2011.

FACÓ, Aglaêda, *Cadernos de Literatura - da modernidade à pós-modernidade*. Brasília: Editora UnB, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, João. *O Ofício do Escritor*. Artigo de 8 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=6200&cat=Ensaios&vinda=S>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. S. Paulo: Loyola, 2005.

HUME, David. *Investigação sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*. São Paulo: UNESP, 2004.

IBGE. *Estados: Distrito Federal*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=df#>>. Acesso em: 27 nov. 2012.

IEMINI, Giovani. Clubes de leitura ganham espaço entre os brasilienses; internet é aliada. Brasília, 2012. Brasília, *Correio Braziliense*, caderno Diversão & Arte, p. 1, 2 set. 2012. Reportagem assinada por Nahima Maciel.

LEITE, Chico. Passado desleixado, futuro planejado: os caminhos para Brasília. *Revista Plano Brasília*, ano 9, n. 105, p. 80, dezembro de 2011.

LOURENÇO, Iolando. *Descobertas frases deixadas por trabalhadores que construíram o Congresso Nacional*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-08-11/descobertas-frases-deixadas-por-trabalhadores-que-construiram-congresso-nacional>. Acesso em: 18 fev. 2013.

MAIA, Débora. *Violência e desigualdade, um retrato de Brasília*. Disponível em: <http://merciafaraujo.wordpress.com/especial-violencia/violencia-e-desigualdade-um-retrato-de-brasilia/>. Acesso em: 25 nov. 2012.

MATOS, Paulo. Festival de Brasília do Cinema Brasileiro [mensagem pessoal]. Mensagem captada da rede social facebook, em 22 set. 2012, quando da realização da 45ª edição do “Festival de Brasília do Cinema Brasileiro”.

MERCER Human Resource. *Quality of living worldwide city rankings 2011*. Disponível em: <http://www.mercer.com/press-releases/quality-of-living-report-201>. Acesso em: 25 nov. 2012.

MO SUNG, Jung. *Novos Conceitos de Mundo: uma visão ética, pastoral e social*. São Leopoldo, Faculdades EST, 20 e 21 jan. 2012. Conforme anotações feitas durante palestra proferida por Jung Mo Sung no III Simpósio do Mestrado Profissional, sob o tema Novos Conceitos de Mundo: uma visão ética, pastoral e social, promovido pela Faculdades EST.

MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1989.

MONTEIRO, Luís García. Entrevista ao Correio Braziliense. Brasília, 2011. *Correio Braziliense*, Brasília, caderno Diversão & Arte, p. 5, 25 set. 2011.

MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2007.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia, das origens à idade moderna*. S. Paulo: Globo, 2005.

OLIVEIRA, Joanyr de (Org.). *Poetas de Brasília*. Brasília: Dom Bosco, 1962.

PIONEIROS: Histórias de quem fez Brasília. *Correio Braziliense*, série sobre os pioneiros de Brasília, Brasília, abr. 2003. Disponível em: <http://stat.correioweb.com.br/pioneiros/pioneiros20.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2012.

PROENÇA, Danyella. Curta-metragem Braxília. Entrevista sobre as filmagens do curta-metragem “Braxília”. Brasília, 2012. Jornal *Metro*, Brasília, p. 07, 17 out. 2012.

RASSIER, José Carlos. *Violência e desigualdade, um retrato de Brasília*. Jornalismo Expresso. Disponível em: <<http://merciafaraujo.wordpress.com/especial-violencia/violencia-e-desigualdade-um-retrato-de-brasilia/>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

REIS, João. *História da colonização do planalto médio riograndense*. Porto Alegre: Sulina, 1987.

RUSSO, Renato. *O trovador solitário*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KKvgFVZ8qJg&feature=player_embedded>. Acesso em: 25 nov. 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Formas de ler o Mundo*. Brasília, I Bienal Brasil do Livro e da Leitura, 14 abr. 2012. Anotações feitas durante palestra proferida por Affonso R. Sant'anna no espaço Bienal – café literário.

SETOR DE PESQUISA E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO. *Catálogo da Coleção Especial do Escritor Brasiliense*. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2000.

SILVA, Paulo Neves da. *Citações e pensamentos de Padre Antônio Vieira*. 2. ed. Alfragide: Casa da Letras, 2007.

SINDICATO DOS ESCRITORES DO DISTRITO FEDERAL. *O Resgate da Palavra*. Brasília: Thesaurus, 2009.

SIQUEIRA, Daniel Lellis. *Caderno de poesias – Amor*. Brasília: Edição do autor, 2012.

SUPLEMENTO: *Série Pioneiros – Histórias de quem fez Brasília*, Brasília: Correio Braziliense, 2003.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 2010.

UBALDI, Pietro. *Princípios de uma Nova Ética*. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987.

VALADARES, Napoleão. *Dicionário de Escritores de Brasília*. 3ª ed. Brasília: Thesaurus, 2012.

VALLS, Álvaro L. M. *O Que é Ética*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola, 2002.